



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
UEMA CAMPUS BARRA DO CORDA
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

**FRANCISCO DAS CHAGAS PEREIRA DE MELO
VÂNHA AQUINO MAGALHÃES
VITÓRIA CATHARINA AZEVEDO DE CARVALHO**

RACISMO LINGUÍSTICO: uma análise de termos racistas presentes no cotidiano escolar dos alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Professor João Pedro Freitas da Silva em Barra do Corda (MA)

Barra do Corda - MA
2023

**FRANCISCO DAS CHAGAS PEREIRA DE MELO
VÂNHA AQUINO MAGALHÃES
VITÓRIA CATHARINA AZEVEDO DE CARVALHO**

RACISMO LINGUÍSTICO: uma análise de termos racistas presentes no cotidiano escolar dos alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Professor João Pedro Freitas da Silva em Barra do Corda (MA)

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, campus Barra do Corda, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Ma. Jhussyenna Reis de Oliveira

Barra do Corda - MA
2023

Melo, Francisco das Chagas Pereira de.

Racismo linguístico: uma análise de termos racistas presentes no cotidiano escolar dos alunos do 1^o ano do ensino médio da Escola Professor João Pedro Freitas da Silva em Barra do Corda (MA) / Francisco das Chagas Pereira de Melo, Vânia Aquino Magalhães, Vitória Catharina Azevedo de Carvalho. – Barra do Corda, MA, 2023.

74 f.

TCC (Graduação) – Curso de Letras Licenciatura Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Estadual do Maranhão, Campus de Barra do Corda, 2023.

Orientador: Profa. Ma. Jhussyenna Reis de Oliveira.

1. Ensino. 2. Racismo Linguístico. 3. Violência simbólica. 4. Semântica Lexical. I. Melo, Francisco das Chagas Pereira de. II. Magalhães, Vânia Aquino. III. Carvalho, Vitória Catharina Azevedo de. IV. Título.

**FRANCISCO DAS CHAGAS PEREIRA DE MELO
VÂNHA AQUINO MAGALHÃES
VITÓRIA CATHARINA AZEVEDO DE CARVALHO**

RACISMO LINGUÍSTICO: uma análise de termos racistas presentes no cotidiano escolar dos alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Professor João Pedro Freitas da Silva em Barra do Corda (MA)

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, campus Barra do Corda, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Aprovado em 16 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br JHUSSYENNA REIS DE OLIVEIRA
Data: 27/12/2023 15:28:47-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Jhussyenna Reis de Oliveira (Orientadora)
Mestra em Letras
Universidade Federal do Piauí

Adervânia Cabral Cunha de Sousa

Prof. Adervânia Cabral Cunha de Sousa
Especialista em Língua Portuguesa
Fundação Brasileira de Tecnologia

Dária Gláucia Paiva Andrade

Prof. Dária Gláucia Paiva Andrade
Especialista em Letras
União Brasileira de Faculdades

Dedicamos este trabalho aos nossos familiares, aos professores que nos incentivaram ao longo da graduação e aos colegas de sala que, em algum momento, nos ajudaram nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por ter nos dado o maravilhoso dom da vida, o aprendizado e por conceder-nos a sabedoria de concluirmos mais uma etapa de nossa vida acadêmica.

Aos nossos familiares e amigos maravilhosos pelo seu apoio incondicional no decorrer desta jornada. Pelos incentivos e paciência, que foram de extrema importância para nos ajudar a superar os obstáculos e desafios que foram vistos em nossa caminhada.

Em especial, à Professora Mestra, Jhussyenna Reis de Oliveira, nossa orientadora, por ser um exemplo de profissional, por sua sabedoria, seu comprometimento ético e disposição ao nos apresentar um novo mundo de descobertas e desafios. Sua postura e conhecimento foram essenciais para que chegássemos até aqui, além do apoio e palavras de incentivo durante toda a realização deste trabalho.

Aos nossos professores que nos encheu de conhecimento desde o início da graduação até os dias de hoje. Cada professor/a foi essencial para nossa formação como profissionais da área de Letras.

À nossa coordenadora do curso de Letras, Adervânia Cabral Cunha de Sousa, e ao nosso secretário de curso, Dagilson da Silva Rocha, por seus conselhos e auxílios, antes, durante e após a realização deste projeto.

Agradecemos também a direção e a todos os alunos da escola C. E. Professor João Pedro Freitas da Silva, local onde realizamos nossa pesquisa, por suas colaborações e disposições em compartilharem suas experiências que enriqueceram este estudo.

Por fim, a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, seja de maneira direta ou indireta.

“Não precisamos ser negros para lutar contra o racismo. Só precisamos ser humanos”.

(Verinha Sfalsin)

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo propor uma reflexão crítica sobre o racismo a partir da análise linguística de termos presentes no cotidiano escolar. Essa investigação foi desenvolvida em turmas de 1º ano do Ensino Médio no Centro de Ensino Professor João Pedro Freitas da Silva, localizado em Barra do Corda - MA. A metodologia desta pesquisa incluiu as seguintes ações: pesquisa bibliográfica, diagnóstico na escola, elaboração e aplicação de um projeto de prática pedagógica, entrevistas prévias e entrevistas pós-projeto. A teoria linguística que dá base para a análise é a Semântica Lexical, uma vez que ele aborda conceitos pertinentes ao estudo dos significados e relações de sentido a partir do léxico. Entre os autores que integram o nosso referencial teórico destacam-se Nascimento (2019), Cançado (2013) e Alves (2012). Foi detectado a presença de termos racistas/violentos no âmbito de ensino, em que se constatou também que estes discentes não tinham noção sobre o real valor destes vocábulos. Portanto, ensinar o valor semântico dos léxicos auxilia na reflexão crítica dos participantes de forma significativa.

Palavras-chave: ensino; racismo linguístico; violência simbólica; semântica lexical.

ABSTRACT

The present study aims to propose a critical reflection on racism based on the linguistic analysis of terms commonly used in everyday school life. This investigation was conducted in 1st-year classes of High School at the Professor João Pedro Freitas da Silva Teaching Center, located in Barra do Corda - MA. The methodology of this research included the following actions: bibliographical research, a school diagnosis, development, and implementation of a pedagogical practice project, pre-project interviews, and post-project interviews. The linguistic theory that underlies the analysis is Lexical Semantics, as it addresses concepts relevant to the study of meanings and sense relations based on the lexicon. Among the authors integrated into our theoretical framework, notable figures are Nascimento (2019), Cançado (2013), and Alves (2012). The presence of racist/violent terms in the educational context was detected, and it was also found that these students had no awareness of the real value of these words. Therefore, teaching the semantic value of lexicons significantly aids in the critical reflection of the participants.

Keywords: education; linguistic racism; symbolic violence; lexical semantics.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1: Conhecimento dos participantes sobre expressões racistas consideradas comuns..... | 38 |
| Tabela 2: Sobre terem ouvido, falado ou se referido a alguém com termos racistas... | 39 |
| Tabela 3: A reescrita de termos violentos..... | 41 |
| Tabela 4: Apelidos falados pelos alunos em sala de aula..... | 41 |
| Tabela 5: Itens que os participantes consideram mais graves..... | 50 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1: Diagnóstico da compreensão dos participantes sobre o ato de apelidar racialmente..... | 45 |
| Gráfico 2: Diagnóstico dos participantes a respeito do significado do léxico “racismo”..... | 45 |
| Gráfico 3: O entendimento dos participantes a sobre a definição do vocábulo “racismo”..... | 46 |
| Gráfico 4: Reconhecimento sobre o significado/definição da palavra violência..... | 47 |
| Gráfico 5: Julgamento sobre a importância em trabalhar temas transversais como, violência simbólica e racismo em sala de aula..... | 50 |

SUMÁRIO

| | | |
|-----|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO..... | 13 |
| 2.1 | A constituição da questão racista..... | 13 |
| 2.2 | O problema do racismo no Brasil..... | 15 |
| 2.3 | Conceito e tipos de racismo..... | 16 |
| 2.4 | O Racismo na linguagem..... | 18 |
| 2.5 | O Racismo em sala de aula..... | 20 |
| 2.6 | O Racismo nos dias de hoje..... | 23 |
| 2.7 | A Violência Simbólica..... | 24 |
| 2.8 | Um caminho para analisar termos racistas..... | 26 |
| 3 | ASPECTOS METODOLÓGICOS..... | 30 |
| 3.1 | Tipo e natureza da pesquisa..... | 30 |
| 3.2 | Pesquisa de campo..... | 32 |
| 3.3 | Proposta pedagógica..... | 34 |
| 3.4 | Relato da aplicação..... | 34 |
| 4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES..... | 37 |
| 4.1 | A presença de termos racistas no cotidiano escolar..... | 37 |
| 4.2 | Compreensão do alunado acerca das expressões racistas e violência simbólica..... | 38 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 52 |
| | REFERÊNCIAS..... | 53 |
| | APÊNDICES..... | 58 |

1 INTRODUÇÃO

O racismo é um tipo de violência simbólica que se dá especialmente por meio da linguagem e se apresenta como uma tensão da contemporaneidade.

Esta pesquisa tem por finalidade transmitir ao leitor a importância em ensinar o valor semântico do vocábulo, visando combater o racismo e a violência simbólica que ocorrem por meio do uso de termos racistas ou violentos no ambiente educacional.

Sendo assim, percebeu-se a necessidade de trabalhar mais esta discussão linguística na educação básica, entendendo que sua função é preparar o indivíduo para a cidadania, para o mundo e sobretudo, para serem adultos respeitosos. Desta forma, a pesquisa visa ainda, em sentido amplo, oportunizar a mudança de hábitos e comportamentos dos alunos e facilitar a remoção de expressões idiomáticas que possam conter preconceito racial.

Posto isso, consideramos que é indispensável investigar de que maneiras as dinâmicas em sala legitimam termos violentos que se manifestam no ambiente escolar, onde as crianças e jovens estão em pleno desenvolvimento cognitivo e social. Desta maneira, compreender como os padrões linguísticos são percebidos e avaliados pode lançar luz sobre como as estruturas de poder são reproduzidas e reforçadas dentro das salas de aula.

É indelével a importância desta pesquisa para a comunidade de Barra do Corda (MA) visto que, estimula e provoca uma reflexão crítica nos alunos sobre o racismo e assim contribuir com a formação de valores e suas vidas em sociedade.

Deste modo, o objetivo geral foi propor uma reflexão crítica sobre o racismo a partir da análise linguística de termos presentes no cotidiano escolar dos alunos do 1º ano do Ensino médio da Escola Professor João Pedro Freitas da Silva. E como objetos específicos propostos foi: investigar se os alunos utilizam termos racistas no cotidiano escolar; identificar se o alunado da escola João Pedro Freitas da Silva reconhece termos racistas; e desenvolver atividade pedagógica com a temática do racismo linguístico com vistas a reflexão crítica.

O racismo é um tipo de violência que se dá especialmente por meio da linguagem e se apresenta como uma tensão da contemporaneidade. De acordo com Instituto de Referência Negra Peregum e o Sistema de Educação por uma Transformação Antirracista (2023), 64% dos brasileiros de 16 a 24 anos citam o ambiente escolar como o local onde mais vivenciam o racismo.

Estes dados mostram que o ambiente da educação, aquele em que crianças e jovens passam a maior quantidade de horas e de seus dias, muitas vezes são usados como instrumento de propagação de violências sociais diversas. Este fato implica em consequências graves na formação destes estudantes, mas sobretudo, e em larga escala, as consequências se estendem à toda a esfera social.

Os procedimentos da pesquisa em pauta, tem como característica uma abordagem qualitativa e quantitativa de caráter exploratório. Vale destacar que foram usados técnicas e instrumentos como entrevistas por meio da aplicação de questionários e a investigação direta, nas quais serviram para analisar os dados colhidos no campo. Como base teórica, usamos autores que abordam o Racismo, Violência Simbólica e Semântica Lexical.

Assim sendo, a pesquisa mostra a importância de se trabalhar expressões racistas e de conhecer a origem etimológica desses vocábulos. Tanto usados em sala, quanto em seu cotidiano fora da escola.

Este estudo está estruturado em três seções, cada uma com seus subtítulos: a primeiro aborda os objetivos traçados para início desta pesquisa, segundo apresenta as metodologias em conjunto com o relato de aplicação e a terceira parte, mostra os resultados da implementação do projeto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção abordamos conceitos e definições importantes para estabelecer o suporte teórico desta pesquisa. O objetivo aqui é, portanto, proporcionar ao leitor uma compreensão bem ampla e aprofundada do tema e seu recorte teórico. Desta forma, buscamos traçar um caminho coerente para uma apresentação mais específica e enriquecedora do assunto.

2.1 A constituição da questão racista

Ao longo dos séculos, o racismo desempenhou um papel central na construção das estruturas sociais, econômicas e políticas, moldando profundamente sua trajetória. Surgiu nos séculos XVI e XVII, sobretudo, neste último século os europeus praticavam a escravidão e por centenas de anos escravizaram pessoas na África e no Mundo Novo. Assim, o racismo é criado num contexto em que é largamente associado a escravidão como forma primitiva do colonialismo no mundo ocidental. E nesse contexto, o léxico *raça* é criado e significa essencialmente que certos povos definidos como não europeus são dominados e governados por europeus.

O documentário exibido na BBC em 2007, “Racismo, uma história: a cor do dinheiro” conta a história do surgimento do racismo e aborda a verdadeira razão embutida no sistema escravagista. A transmissão aborda que:

[...] para as pessoas nos Estados Unidos da América (EUA), nos séculos XVII, a *raça* era um fato da vida e que o racismo é algo que surge como interação necessária. Não se trata de pessoas criando racismo no laboratório ou no escritório para depois sair ao mundo para aplica-lo. De certo modo, os brancos, negros e os índios estabeleceram suas ideias de *raça* e em proximidade uns dos outros através do contato (informação verbal)¹.

Com essa abordagem pode-se destacar que desde a antiguidade existe esse tipo de pensamento excludente, onde cria-se uma classificação e conseqüentemente um sentimento para tornar-se superior a outra.

Dessa forma, o racismo e escravidão não estavam necessariamente ligados a uma cor específica, sim a povos distintos. Os povos antigos, no geral, não sofreram com essa maneira de identificação racial e escravista. Os gregos, por exemplo, faziam

¹ Documentário concebido pela BBC. [03. 2007]. Narradora: Okonedo, Sophie. S.L. 2007. Canal do YouTube Filosofando Ciências humanas em debate. Vídeo (58:33min.)

uma classificação de raça entre os gregos e não gregos, contudo, tinham uma visão única de que todos os estrangeiros não gregos poderiam ser escravizados e que só pertenciam a essa classe superior, gregos do sexo masculino. Mesmo sendo gregas, as mulheres eram consideradas inferiores juntamente com os outros povos, somente pelo fato de serem do sexo oposto.

Os britânicos não se tornaram traficantes de escravos por serem racistas, tornaram-se racistas por usarem os escravos para a obtenção de muito lucro nas Américas e, conseqüentemente, desenvolveram um conjunto de atitudes em relação aos negros tentando justificar o que estavam fazendo. Os negros eram considerados de *raça inferior* e isso justificaria os maus tratos e desumanidades sofridas por eles. Tudo isso escondido por traz da verdadeira face escravocrata que era a economia britânica.

Segundo Souza (2021) “tanto o racismo racial quanto os diversos tipos de racismo multidimensional são formas de negar reconhecimento social a indivíduos e grupos sociais”. Ou seja, está internamente ligado a moral do ser humano. Então, destruía-se a humanidade do ser enquanto indivíduo para justificar o preconceito, violência e discriminação.

Existem várias linhas teóricas que tentaram justificar a inferiorização entre raças e que foram responsáveis por diversos conflitos durante a história. Pensamentos que embasam racistas, os nazistas e organizações criminosas que ainda atuam.

Durante muitos anos, argumentaram e normatizaram a escravização por véis bíblicos, embasando-se na passagem do livro Gênesis², no capítulo 9 e versículo 25, em que Noé amaldiçoa Canaã a ser servos dos servos dos seus irmãos ou, em outras traduções, escravo dos escravos. Porém, no texto não especifica sua cor ou seu povo, de modo que qualquer povo que fosse dito descendente de Canaã era comum e aceita a escravidão. Por muitos anos usaram essa passagem bíblica como pretexto.

Houve também a linha científica que tentava provar raças inferiores por meio do tamanho do cérebro. Por exemplo, a pesquisa do escocês Robert Knox em 1840, “*Races of men*”, onde o anatomista forneceu base para o racismo científico e justificou o extermínio afirmando, em outras palavras, que a raça negra não poderia ser civilizada e que não deveriam se misturar com outros povos.

² A.T. BÍBLIA SAGRADA VERSÃO COLORIDA JOVEM. Niterói- RJ. 2016. Publicação e Distribuição: BV Editora Eirele e VB Books Editora. Pag. 13.

A raça é tudo: literatura, ciência, arte, em uma palavra, a civilização, depende dela. As raças negras podem ser civilizadas? Eu devo dizer que não. (...) A raça saxônica jamais as tolerará, jamais se miscigenarão, jamais viverão em paz. É uma guerra de extermínio (Domingues *apud* Knox, 1840, n.p.).

É claro e explícito sua intolerância, ele foi um importante cientista nas questões raciais. Ele e outros estudiosos contribuíram muito para o atraso ao reconhecimento do ser humano de pele retinta, devido seus ensaios e posicionamentos sociais.

2.2 O problema do racismo no Brasil

O desenvolvimento do Brasil como nação está intrinsecamente ligado a história do racismo. Souza (2021) defende a tese de que, “tanto no Brasil quanto fora dele, as tentativas de explicar o racismo se reduzem, no entanto, a meramente comprovar que ele existe”.

Desde a chegada dos colonizadores europeus ao Brasil, em 1500, marcou-se o início de uma história de exploração racial. Subjugados e escravizados foram os povos indígenas que já ocupavam essa terra, anunciando a brutalidade que caracterizaria a experiência dos povos africanos trazidos à força para o país. A prática de escravidão, que durou mais de três séculos, foi o alicerce da economia brasileira, enriquecendo a elite branca às custas do sofrimento humano de milhões de africanos e afrodescendentes.

Perpetuou-se, durante esse período e pós escravização, a ideia de que o país deveria se “embranquecer” o que levou a uma grande movimentação política de imigração de europeus no intuito de “melhorar” a população brasileira. Uma mentalidade que contribuiu a permanência de estruturas sociais que valorizam o branco em detrimento de outros grupos étnicos.

É notório a herança do racismo nas profundas desigualdades raciais presentes na sociedade brasileira. A discriminação contra afrodescendentes persiste em diversas esferas, incluindo acesso limitado à educação de qualidade, oportunidades de emprego e justiça.

Independentemente dos obstáculos, o Brasil também é marcado por uma longa história de resistência. Movimentos sociais e líderes afrodescendentes têm lutado incansavelmente contra o racismo e pela igualdade racial. A abolição da escravidão em 1888, embora tenha sido um marco importante, não eliminou as raízes profundas

do racismo. No entanto, a luta por direitos civis, a conscientização e a mobilização continuam a moldar a busca por justiça racial no país.

Portanto, o racismo desempenhou um papel inegável na criação do Brasil como o conhecemos hoje. Desde os tempos da colonização e da escravidão até os desafios contemporâneos de desigualdade e discriminação racial, o racismo é uma força que moldou a sociedade brasileira de maneira complexa e duradoura. Reconhecer essa herança é fundamental para a construção de um Brasil mais igualitário e justo, onde todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica, possam desfrutar de igualdade de oportunidades e direitos.

2.3 Conceito e tipos de racismo

O racismo é um fenômeno complexo, enraizado na estrutura social e cultural em diferentes sociedades em todo o mundo. As suas origens remontam a diferentes períodos históricos e regiões geográficas, influenciadas por fatores como a exploração colonial, a procura de legitimidade do governo e hierarquias étnicas.

De acordo com Gomes (2005, p. 52) “o racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc.” Sendo assim, o racismo está interligado ao fato de a “sociedade” destilar seu ódio de maneira fria e sem hesitação, simplesmente por não gostar da cor pele e/ou tipo de cabelo da pessoa preta.

Segundo Alves (2012, p. 6) o “racismo pode ser visto como prática e como uma ideologia. Enquanto prática é identificável desde o Brasil colônia”. Sobre o racismo enquanto questão ideológica, a autora ainda comenta que:

No Brasil durante o período escravista os negros eram vistos como coisas; como ideologia o racismo foi construído a partir de representação dos negros como seres monstruosos o que comprova a existência de várias teorias implantadas na nossa sociedade. Essas teorias construíram imagens negativas acerca das pessoas negras serem feias, preguiçosas, sem cultura, costumes e religião, incapazes de pensar e tinham sua cor de pele tida como símbolo de impureza (Alves, 2012, p. 6).

Os primeiros casos de racismo foram presenciados durante a época colonial no Brasil, por volta do século XVI e XVII, onde os negros eram vistos como animais irracionais (vista que segundo a ciência, nós pertencemos a um grupo de animais,

mas animais racionais, ou seja, pensamos) e objetos, nenhum deles eram vistos como humanos.

As pessoas de pele preta daquela época eram vistas como inferiores em relação as pessoas de pele branca. Ainda hoje podemos vivenciar esse tipo de **racismo**, mas além do termo em destaque está ligado a cor da pele, o preconceito racial pode ser visto e ouvido por meio da língua.

Ainda a respeito do racismo, de acordo com Guimarães (1999, p. 105):

Racismo pode, ademais, referir-se não apenas a doutrinas, mas a atitudes (tratar diferencialmente as pessoas de diferentes raças e culturas, ou seja, discriminar) e a preferências (hierarquizar gostos e valores estéticos de acordo com a ideia de raça ou de cultura, de modo a inferiorizar sistematicamente características fenotípicas raciais ou características culturais).

No Brasil, o racismo é um fenômeno persistente que se manifesta em vários subprodutos que permeiam a nossa vida cotidiana. Podemos identificar manifestações de práticas racistas na nossa nação, desde formas sutis de discriminação até casos mais explícitos e flagrantes. O preconceito racial tece uma teia complexa, entrelaçada em diferentes classes sociais, afetando direta e indiretamente a vida de milhões de brasileiros.

Pinto e Ferreira (2014, p. 260) nos fala que “o racismo, em virtude da cor da pele e de características fenotípicas, será a marca principal para justificar o tratamento diferenciado para as pessoas que possuem o fenótipo da raça negra”. Ou seja, com bases na fala dos autores, a pessoa de pele mais retinta, sofre mais e se justifica pelo tom da sua cor.

O racismo não prejudica apenas indivíduos e comunidades marginalizados, mas também prejudica a integridade de sociedades inteiras. Devemos abordar esta questão de frente e promover a educação, o diálogo e a sensibilização como ferramentas para combater todas as formas de discriminação racial. Só quando abordarmos as raízes do racismo e trabalharmos ativamente para eliminar as suas manifestações poderemos construir uma nação verdadeiramente inclusiva e igualitária, onde todos os cidadãos possam viver sem o peso do preconceito racial.

O racismo pode ser dividido em cinco tipos, sendo eles:

Racismo Individual apresenta-se nos lugares mais estranhos, nas atitudes nos comportamentos e até nos interesses pessoais que estão socializados e presentes nas relações sociais.

Racismo Institucional demonstrado em dados oficiais, por exemplo, aqueles que são praticados no nosso sistema de trabalho, na Justiça, na economia na política e em outras instituições sociais.

Racismo Cultural manifestado nos valores, nas crenças, na religião, na língua, na música, na filosofia, na estética dentre outros.

Racismo Primário é um fenômeno emocional ou passional, sem qualquer elaboração ou justificação, corresponde ao que é chamado de mito.

Racismo comunitarista ou diferenciadorista é o racismo contemporâneo que se apropriou dos pontos centrais do antirracismo, isto é, que raça não é natureza, mas cultura ou etnia, e que todos temos o direito à diferença. Afirma-se o caráter sagrado da comunidade, a identidade do grupo ou da nação, a obrigação de defender a integridade, a identidade e a especificidade da nação ou comunidade e, portanto, sua diferença, ou seja, temos que defender nossas origens mostrando os seus valores e principalmente o valor que temos no decorrer do processo histórico. Cada comunidade - nação tem sua tradição, sua história, seus costumes, sua origem, sua língua, sua religião, sua sexualidade - essa diferença tanto pode ser genética e hereditária quanto puramente histórico-cultural. Nessa abordagem o importante não é a causa ou origem dessa diferença e sim sua existência visível (vejo a diferença da cor da pele, da textura da pele e do cabelo, dos gestos culinários, do modo de vestir, do formato dos olhos, dos deuses adorados, das formas de parentesco e de casamento, da música, da dança, da pintura, dos modos de pensar, a diferença é um fato). Portanto, cada comunidade - nação (por ser tomada como mito e não como criação histórica) tem a sua verdade própria, milenar, tem na sua língua materna, os seus símbolos patrióticos, os seus costumes (Alves, 2012, p. 8-9).

O presente trabalho expõe a presença do racismo em sala de aula, que por sua vez está presente dentro do racismo institucional (é quando ocorre dentro de um estabelecimento de ensino ou em qualquer outro tipo de instituição). Vale ressaltar que utilizamos expressões racistas em nosso cotidiano sem ter consciência, e essa constatação está aliada ao fato de ser normalizada no cotidiano. Assim, expressões da linguagem e termos racistas reforçam o racismo estrutural e permitem que essa discriminação se perpetue na sociedade.

2.4 O racismo na linguagem

A correlação entre o racismo e a linguagem é uma área de estudo que tem recebido cada vez mais atenção de pesquisadores interessados em compreender como as estruturas linguísticas podem perpetuar preconceitos e desigualdades.

O racismo linguístico é:

[...] um conceito pouco acadêmico porque sua investidora não é puramente linguística, mas histórica. É a história que provoca o conhecimento dos

estudos linguísticos nesse caso, mas não necessariamente o contrário tem acontecido (Nascimento, 2021, p. 6).

Ele ainda comenta que:

O racismo linguístico é a relação interdependente de língua e racismo na expansão de seus elementos. Enquanto palavras da língua são racistas, porque a língua guarda relações racistas, as pessoas usam a língua para metaforizar o racismo com expressões onde pessoas pretas estão na ponta da opressão, como é o caso do nome macaco (Nascimento, 2021, p. 7).

Ou seja, para o autor, o racismo linguístico vai além da relação entre expressões racistas do dia a dia, para ele o “racismo linguístico não se atém a termos que são racistas (como lado negro da vida, escravo-mudo), mas à própria língua em si”. Sendo assim, a interação entre linguagem e racismo funciona ao deslocar a degradação da linguagem percebida como inferior ao julgamento negativo do falante:

[...] avalia-se uma coisa com base na outra. No caso do preconceito linguístico, a avaliação negativa da linguagem popular decorre da avaliação negativa de seus falantes. Engendra-se aí uma dialética perversa, em que a avaliação negativa da linguagem popular, baseada no julgamento negativo de seus falantes, serve para legitimar o próprio julgamento social negativo desses falantes, do qual se alimenta (Lucchesi, 2015, p. 20).

Nascimento (2019) explora o conceito de "racismo linguístico", revelando as complexas formas nas quais a linguagem pode ser utilizada para reforçar estereótipos e discriminação. O autor destaca como o uso de determinadas variantes linguísticas é muitas vezes associado a grupos étnicos marginalizados, contribuindo para a percepção de inferioridade. Ele aponta para a importância de conscientização e educação linguística como ferramentas para desmontar essas estruturas discriminatórias.

Quando falamos em racismo linguístico, Nascimento (2019) nos apresenta ainda a seguinte proposição:

[...] nenhuma língua tem cor porque nenhuma língua existe em si. Entretanto, ao serem politizadas, as línguas têm cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam como lugares de desenhar projetos de poder, dentre os quais o próprio colonialismo fundado a partir de 1492 e a colonialidade que ainda continua entre nós como continuidade dele (Nascimento, 2019, p. 21-22).

Para o autor, a linguagem não só ganha cor quando politizada dentro dos mais diversos sistemas de poder, mas também serve como local de contestação racializada, pois é através da cor que os sujeitos são nomeados, silenciados e negados, reduzindo-os a alteridade; assim, é através dela que os sujeitos resistem igualmente ao racismo, a rejeição e à retificação.

O autor ainda comenta que:

Uma vez que admitimos que o racismo está na estrutura das coisas, precisamos admitir que a língua é uma posição nessa estrutura. Em minha hipótese principal aqui, entendo que o racismo é produzido nas condições históricas, econômicas, culturais e políticas, e nelas se firma, mas é a partir da língua que ele materializa suas formas de dominação (Nascimento, 2019, p. 19).

Jessé Souza (2021) faz uma análise aprofundada das origens históricas do racismo no Brasil e como essas raízes se refletem na sociedade contemporânea. Ele destaca como as construções linguísticas são usadas para classificar grupos raciais e enfatiza que o racismo não é apenas um problema individual, mas uma construção social profundamente enraizada. Ao compreender as implicações linguísticas deste legado histórico, é possível começar a desafiar as narrativas que perpetuam a discriminação.

Geraldo Silva (2020) faz uma abordagem mais pessoal do racismo, explorando como os indivíduos internalizam e perpetuam o discurso discriminatório através da linguagem. Ele destacou a importância de reconhecer a responsabilidade pessoal na desconstrução do racismo linguístico. Ele enfatizou que as palavras carregam significados e histórias, e que questionando o uso negligente de certas expressões pode-se criar um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

2.5 O racismo em sala de aula

O racismo é um fenômeno social complexo que penetra diversas camadas da sociedade, chegando ao ambiente escolar. O âmbito educacional não está livre do racismo e compreender as percepções e experiências do racismo é fundamental para promover uma educação mais igualitária e inclusiva. Dessa forma, é necessário abordar as diversas perspectivas que envolvem o racismo no ambiente escolar destacando seus impactos e formas de enfrentamento.

O racismo no contexto escolar pode ser conceituado como um conjunto de atitudes, discriminações, preconceitos e comportamentos que afetam negativamente os estudantes pertencentes a grupos étnicos minoritários. Essas atitudes podem ocorrer de maneira nítida ou não, através de estereótipos, piadas, apelidos, insultos, pouco incentivo por parte de professores a alunos negros, isolamento e desigualdades de tratamento. É importante compreender que o racismo não se limita às ações dos indivíduos, mas também está incorporado nas estruturas e instituições que perpetuam a desigualdade. E na escola há muitas vezes:

[...] manifestações de racismo, discriminação social e étnica, por parte de professores, de alunos, da equipe escolar, ainda que de maneira involuntária ou inconsciente. Essas atitudes representam violação dos direitos dos alunos, professores e funcionários discriminados, trazendo consigo obstáculos ao processo educacional, pelo sofrimento e constrangimento a que essas pessoas se veem expostas (BRASIL MEC, 1997, p. 20).

As crianças negras devem superar barreiras, assim como as condições socioeconômicas, se quiserem permanecer na escola. Outro ponto que merece destaque é que essas crianças não se reconhecem nos conteúdos que aprendem e nos materiais didáticos disponibilizados, o que, aliado à exclusão dos próprios colegas, facilita sua fuga do ambiente escolar.

O racismo tem efeitos profundos e diversos no ambiente escolar. Estudantes que sofrem racismo podem ter consequências emocionais como baixa autoestima, ansiedade e depressão, podendo afetar negativamente o desempenho do aluno. O racismo também contribui para a criação de um ambiente hostil onde o respeito mútuo e a convivência saudável são comprometidos.

O autor Ortiz (2007) mostra que o racismo em sala de aula é disseminado quando crianças passam a usar a aparência física, as palavras pejorativas e referências negativas ao se referirem às crianças negras. Ortiz ainda afirma que os docentes ficam em silêncio perante tais acontecimentos, silenciando a criança negra quando revida, facilitando, assim, para a reprodução da discriminação racial na escola.

As crianças brancas logo descobrem o poder de suas palavras e de seus xingamentos, as referências negativas à cor da pele (neguinha, carvão) e ao cheiro (fedorenta), associam a cor preta à sujeira (não toma banho) e as usam principalmente como uma arma em situações de disputa, de conflito. Como não são repreendidos pelos professores, acabam reproduzindo a situação inúmeras vezes, como que autorizados por eles. Por outro lado, as crianças

negras tendem a silenciar cada vez mais e a fugir das situações de conflito e de disputa, isolando-se (Ortiz, 2007 p. 33).

Em sala de aula são trabalhados livros didáticos com reproduções racistas e com estereótipos que apagam da história brasileira a contribuição negra sem mencionar sua cultura e luta pela liberdade. Esses livros são os principais materiais didáticos que os professores trabalham em escolas públicas e são, portanto, a principal fonte de ensino dos estudantes.

Munanga (2005) afirma que, na interação entre professores e alunos podemos observar as diferenças no tratamento, dessa maneira, os estudantes afrodescendentes não recebem a mesma atenção e orientação em relação os alunos brancos, sendo assim menosprezadas e causando baixa autoestima, o que afeta em muito seu desenvolvimento intelectual e emocional. O autor ainda nos afirma que:

O professor pode vir a ser um mediador inconsciente dos estereótipos se for formado com uma visão acrítica das instituições e por uma ciência tecnicista e positivista, que não contempla outras formas de ação e reflexão (Munanga, 2005, p. 24).

Para Abramowich (2006), o silêncio dos professores em falar do racismo em sala de aula se deve a vários fatores: falta de formação para lidar com questões raciais, falta de conhecimento da história e cultura africanas ou crença de que o racismo não existe.

O racismo presente na educação infantil aparece de forma um pouco distinta daquela encontrada no ensino fundamental. Enquanto na escola o desempenho escolar mais baixo das crianças negras é fator identificador do racismo no ensino fundamental, na educação infantil, o racismo aparece nas relações afetivas e corporais entre adultos e crianças e nas brincadeiras espontâneas destas, já que sabemos que o jogo é uma prática fundamental nessa faixa etária. Mas devemos considerar que essas situações também podem ser encontradas nas crianças e nos adolescentes do ensino fundamental e médio (Abramowicz, 2006, p. 68).

Ao identificarem as consequências negativas do racismo nos estudantes e ao aplicarem estratégias eficazes de combate ao racismo, as instituições de ensino podem ter um papel fundamental na promoção da justiça social e na educação de cidadãos que reconhecem e respeitam a diversidade.

2.6 O racismo nos dias de hoje

O racismo é uma inquietude secular persistente e que continua a atingir e prejudicar a comunidade mundial sendo um problema cravado, apesar de décadas de progresso social e jurídico. Neste contexto, os negros lutam constantemente para superar os estereótipos estabelecidos. Através das relações sociais e da comunicação de massa. O racismo pode assumir muitas formas, começando com abuso verbal e chegando ao isolamento social, terminando com a violência física. Ações coletivas são necessárias para uma mudança real contra o racismo e uma mudança fundamental na consciência social.

Segundo Adorno (1996), a discriminação racial sempre existiu na sociedade mundial, conforme o autor, permanentemente, este efeito não é algo que ocorre somente na sociedade brasileira.

A discriminação racial sofrida por uma pessoa de pele preta vai além de comportamentos e atitudes racista em grupo ou individuais; estas ações estão fixadas e enraizada na sociedade, gerando ciclos de injustiças e desigualdade. Assim criando traumas e exclusões das comunidades negras.

De acordo com Passos (2012), o racismo no Brasil é constituído como um fenômeno social, ideológico e histórico. Social porque está inserido na sociedade, que na questão nacional é multiétnica e injusta; dessa maneira sendo primordial para que o racismo se manifeste e se reproduza em inúmeros aspectos. O fato de uma comunidade ser miscigenada não anula ela ser racista, pois assim o racismo seria biológico; o racismo é, acima de tudo, um paradigma social, sendo assim ideológico e histórico.

Conforme Euclides (2020), o racismo mais cruel e maléfico não é quando um homem branco ataca a somente um preto, referindo a ele como burro, macaco, safado ou imprestável, mas quando acontece a desigualdade social que se pratica todos os dias contra todas as pessoas de pele preta. E em relação a isso as leis não conseguem evitar todas as situações de racismo que uma pessoa negra enfrenta durante a vida. Apesar, da escravidão legal ter chegado ao fim o desrespeito, a desigualdade e as injustiças contra os pretos não se extinguiram por completo.

Segundo Camino *et al.* (2001), a comunidade negra é a que mais sofre com as diversas mudanças sociais, dessa forma quando se trata do mercado de trabalho possuem menor oportunidade e reconhecimento, assim por muitas vezes são

obrigados a escolherem caminhos que não os agrada por conta da desigualdade social.

No Brasil, o racismo é percebido e vivido no cotidiano;

[...] nos shopping centers de elite, onde os trabalhadores negros são confinados em postos de vigias ou faxineiros e raramente empregados em atividades de atendimento ao público; na programação televisiva, onde os negros/as, quando aparecem, ocupam as tradicionais posições de subordinação (a empregada doméstica, o bandido, a prostituta, o menino de rua, o segurança); nas piadas e expressões de cunho racista sempre presentes nas reuniões de família brancas. Expressões como "não sou racista, mas nunca aceitaria meu filho ou filha se casando com um negro/a" são comuns no Brasil. São milhões de atitudes, gestos, opções e decisões diuturnamente tomados dentro de uma estrutura social e simbólica na qual a cor da pele é um determinante importante (Ciconello, 2007, p. 3).

Ainda que o racismo público seja mal visto pela sociedade, condenado moralmente e proibido por lei, a discriminação racial acontece. Estas visões preconceituosas são diversas vezes transmitidas de geração em geração. A ignorância cultural e a falta de compreensão sobre diferentes culturas e origens étnicas podem levar ao medo do desconhecido e fomentar atitudes racistas.

2.7 A Violência Simbólica

A violência simbólica é um termo desenvolvido pelo sociólogo Pierre Bourdieu na década de 70. O conceito é amplamente utilizado nas ciências sociais para descrever um tipo de violência que não envolve o uso direto da força física, mas opera através de símbolos, normas culturais, valores e estruturas sociais.

Pode se manifestar na imposição de ideias, crenças e práticas que perpetuam o poder e a dominação de um grupo sobre outro, sem que as vítimas percebam plenamente que estão sendo oprimidas.

Faleiros (2008, p. 33) considera violência simbólica como:

Assim, pode-se definir a violência simbólica como o exercício e difusão de uma superioridade fundada em mitos, símbolos, imagens, mídia e construções sociais que discriminam, humilham, excluem. Outra possível definição é a de que se trata do estabelecimento de regras, crenças e valores que "obrigam o outro a consentir", pela obediência, dominação ou servidão.

O termo Violência Simbólica também pode ser definido como:

Coação que exercem os grupos ou classes dominantes sobre os grupos ou classes dominadas para impor significações legítimas, ou ainda impondo como legítima a cultura de determinados grupos ou classes aos demais (Medeiros, 2007, p. 248).

Em concordância com os autores acima, a violência simbólica ocorre quando a parte dominante quer se sobressair sobre a classe oprimida. Ou seja, quando a classe mais favorecida quer impor seus costumes/cultura acima do costume/culturas das classes menos favorecidas. Conforme citado acima, pode-se dizer que:

A cultura que tem prestígio é justamente a cultura das classes dominantes: seus valores, seus gostos, seus costumes, seus hábitos, seus modos de se comportar, de agir. Na medida em que essa cultura tem valor em termos sociais; na medida em que ela vale alguma coisa; na medida em que ela faz com que a pessoa que a possui obtenha vantagens materiais e simbólicas, ela se constitui como capital cultural. Esse capital cultural existe em diversos estados. Ela pode se manifestar em estado objetivado: as obras de arte, as obras literárias, as obras teatrais etc. A cultura pode existir também sob a forma de títulos, certificados e diplomas é o capital cultural institucionalizado. Finalmente, o capital cultural manifesta-se de forma incorporada, introjetada, internalizada (Silva, 2002, p. 34).

Este tipo de violência ocorre quando as estruturas sociais favorecem um grupo em detrimento de outros, agravando muitas vezes as desigualdades existentes. De acordo com Brandt (2011, p. 18) “a violência simbólica se manifesta também como uma forma de induzir certos valores de uma classe [...] sobre outra. ”

Esta forma de violência pode manifestar-se em todas as áreas da vida, como a educação, a cultura, a língua, a religião e os meios de comunicação, onde as normas e valores dominantes são impostos como se fossem universais, deixando as pessoas sem se renderem questionavelmente a essas normas. De modo que a:

[...] violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.) resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (Bourdieu, 2003, p. 47).

Em suma, refere-se a uma forma de opressão e controle social que mantém hierarquias de poder através da imposição de valores, normas e estruturas culturais,

muitas vezes de forma invisível e subtil. Esta desempenha um papel importante na manutenção das desigualdades sociais e na recriação de estruturas de poder.

A forma como este tipo de violência é minimizada, faz com que a parte oprimida venha a sofrer ainda mais com o desequilíbrio socioeconômico, social e cultural em relação a classe dominante.

Sendo assim, um exemplo clássico de violência simbólica é a discriminação racial, onde normas culturais e estereótipos sociais perpetuam a desigualdade entre a pessoa de pele preta/indígena e branca. Através de símbolos, termos e práticas vistas em nosso cotidiano, a sociedade pode manter estruturas de poder que prejudicam um grupo em relação ao outro, sem a necessidade de coerção física direta.

2.8 Um caminho para analisar termos racistas

A semântica já era estudada no século V a.C., na Grécia antiga, por filósofos gregos como Platão e Aristóteles, mas o termo ‘semântica’ não era ainda utilizado. Notamos que a linguagem sempre foi um mistério para o homem. Conforme Ilari (1982, p. 7) “os mais antigos textos linguísticos de que temos notícia giram em torno de problemas semânticos”. Os filósofos tinham o interesse de estudar sobre a relação entre os seres que nomeiam as palavras e de que maneira a linguagem se organizava.

Para Castim (1983, p. 7-8):

A Semântica é uma ciência ao mesmo tempo recente e antiga. Justificamos esse aparente paradoxo, porque só a partir de Michel Bréal (1883) é que o interesse dos Linguistas se volta para o problema da significação. Mas, com isso não queremos afirmar que os estudos semânticos têm apenas um pouco mais de um século. Desde a antiguidade, as reflexões sobre o signo já eram objeto de estudo. Tudo ou quase tudo que estudamos atualmente nos foi legado pela Filosofia da Linguagem através das obras de Platão, Aristóteles, dos Estóicos [...] passando por uma tradição medieval [...]. Mesmo depois do Renascimento, os estudos do signo continuaram através das Gramáticas racionalistas, [...] ressurgindo com Michel Bréal e, [...] tendo seus horizontes alargados pela obra saussuriana.

Portanto, conclui-se que a semântica gera interesse e curiosidade desde a antiguidade até o século XX, dessa forma tornou-se um ramo de conhecimento específico dentro dos estudos da linguagem; e com a obra de Bréal no século XIX recebeu oficialmente o nome de Semântica.

Antes de partir para apresentação dos principais pontos sobre semântica lexical, precisamos conceituar a Semântica, que segundo Pinto (2016, p. 9) é uma

“[...] área da Linguística que estuda o significado das línguas naturais, subdivide-se em vários tipos, de acordo com as variadas visões dos especialistas nessa área”. Sendo assim, temos a semântica textual, formal, lexical, discursiva entre outras, e todas estão correlacionadas ao estudo do significado.

O trabalho em pauta concentrou-se na análise baseada na semântica lexical, sabendo disso, esta área nos apresenta o sentido real do léxico sem nenhuma dificuldade de entendimento. Vale salientar, que para entender o valor verdadeiro do significado de qualquer que seja o termo, o indivíduo tem que ter conhecimento da referida língua, seja ela materna ou não.

A esses termos lexicais definimos um certo significado, determinando uma melhor aceção e interpretação entre as opções disponíveis. Apesar disso, não é algo fácil definir o melhor sentido para o léxico, pois, os termos possuem diversos significados. Assim sendo, é necessário selecionar o mais adequado. Por exemplo, no caso do vocábulo ‘manga’, este pode ter vários significados em diferentes contextos: pode referir-se à fruta, à parte de uma camisa e, em determinadas regiões do Brasil, pode ser entendido também como uma variação do verbo ‘caçoar’.

A Semântica Lexical é vista como “[...] uma ampla área de investigação, trata do significado cognitivo que envolve a relação entre a língua e os construtos mentais que de alguma maneira representam ou estão codificados no conhecimento semântico do falante” (Cançado, 2013, p.126). Dessa maneira, o foco do significado não é definido pelo coletivo, mas sim pelo “aparato linguístico do falante”. A autora também comenta que há diversos fenômenos e variadas formas de abordagens estudadas por esse ramo.

Essa área é formada por possíveis teorias que estão interligadas, onde começa uma teoria termina outra. De acordo com Cançado (2013, p. 128) “[...] o que teria de comum entre esses estudos é ter como principal objeto a relação entre a língua e a sua representação mental”.

O primeiro estudo/teoria da semântica lexical é a semântica histórica que é focada no estudo das variações do significado que os vocábulos recebiam com o decorrer do tempo e como o próprio nome já diz: a história do significado. Na visão de Cançado (2013) “com uma orientação histórica a preocupação principal concerne às mudanças dos sentidos das palavras: a identificação, classificação e explicação das mudanças semânticas”.

O segundo estudo é a semântica lexical estruturalista que é aplicada dentro do Estruturalismo de Saussure, que estuda os fenômenos linguísticos como fonológicos e morfológicos. Também chamada somente de semântica lexical, esta acaba criando dúvidas entre as áreas de estudos e o nome da teoria semântico-lexical que estuda o significado dos vocábulos na língua.

Por volta de 1930 a 1960, temos a Semântica Estruturalista, evidentemente influenciada e orientada pelo trabalho de Saussure. Em meio a uma variedade de posições teóricas e métodos descritivos que surgem da concepção estruturalista, podemos apontar três pontos que distinguem essa corrente teórica: o aparecimento do conceito “campo lexical”, a análise componencial (traços semânticos) e a semântica relacional (sinonímias, hiponímias, antonímias e meronímias) (Cançado, 2013, p. 127).

A terceira teoria que entra dentro da semântica lexical é a semântica cognitiva que tem como foco os processos de categorização linguística e de geração dos significados.

[...] nos anos 80, surge a Semântica Cognitiva, como parte da Linguística Cognitiva, um movimento que se opõe à autonomia da gramática, assumindo que a distinção entre semântica e pragmática é irrelevante. Linguistas como Lakoff, Langacker, Fillmore, Fauconnier, Croft, Goldberg fazem parte desse tipo de proposta que tem como principais orientações a teoria de protótipos, as metáforas conceituais e a semântica de “frames” (‘estruturas’) (Cançado, p.128).

A quarta abordagem é a interface entre sintaxe e a semântica que é voltada para o estudo das propriedades semânticas dos elementos lexicais que apresentam importância para a sintaxe, não se pretendendo somente ao significado.

[...] a ideia de que o significado dos verbos pode ser decomposto em elementos básicos, utilizando-se da noção de predicados primitivos nessas decomposições lexicais. A preocupação central dessas propostas é a relação entre a estrutura argumental dos verbos e a estruturação e propriedades sintáticas das sentenças. Poderíamos nomear essa linha de uma forma mais adequada como sendo o estudo da Interface Sintaxe-Semântica Lexical (Cançado, 2013, p. 127-128)

Segundo Ferraz (2020) o papel da escola no ensino da língua materna é indissociável da função conexa de estimular e proporcionar o desenvolvimento do vocabulário, da gramática e das habilidades comunicativas, conduzindo os alunos a um estágio de domínio razoável da língua em que possam produzir e compreender plenamente o texto oral ou escrito.

Ou seja, não é novidade que dentro das escolas no Brasil, os estudos baseados na análise lexicais são desprezados por muitos, pelo fato da atenção está voltada para gramática – as funções sintáticas dos vocábulos de uma oração ou classificação dos períodos –, sem levar em consideração uso prático do texto de uma linguagem, isso coloca então, uma lacuna no ensino do léxico na educação básica.

De acordo com Oliveira (2004, p. 39) no que diz respeito ao léxico “[...] este pode definir um grupo social, uma vez que é através dos vocábulos empregados pelos indivíduos em suas relações que se percebe o contexto social, histórico, cultural em que o sujeito está inserido”. Dessa maneira, o léxico define os seus falantes a partir dos vocábulos que são usados para se comunicarem, demonstrando onde o usuário está inserido na sociedade, suas crenças, valores, influências ideológicas.

Já Richards (1976) pontuou sobre o ensino lexical e sobre diversos aspectos do léxico para definir que identificar uma palavra significa ter várias informações sobre ela. Apesar da pesquisa de Richards está voltada para o ensino de língua estrangeira esta pode ser aplicado ao ensino de língua materna

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção são descritos os procedimentos metodológicos usados para a execução desta pesquisa. Para tanto apresentamos a tipologia da pesquisa, pesquisa de campo, proposta pedagógica e relatos da aplicação. O uso do método quali-quantitativo proporcionou uma boa compreensão dos resultados. O estudo de campo desempenha papel importante nesta pesquisa, ele permite que a coleta de resultados seja inserida no cenário da pesquisa. A proposta pedagógica é explanada de forma geral, disponibilizada na íntegra nos Apêndices. Já o relatório de aplicação, apresenta detalhadamente as experiências dos participantes deste estudo.

3.1 Tipo e natureza da pesquisa

Este trabalho classifica-se como uma pesquisa de natureza aplicada com uma abordagem quali-quantitativa. Partiu de uma pesquisa exploratória e tomou forma como uma pesquisa de campo.

Esta pesquisa está vinculada a área da Semântica Lexical, que é um campo da Linguística, e que se dedica a estudar a significação de vocábulos, considerando os aspectos que envolve a língua e a codificação dos falantes.

O estudo foi realizado na escola Centro de Ensino Professor João Pedro Freitas da Silva, localizada na Avenida Pedro Neiva de Santana, S/N – bairro Altamira II, na cidade de Barra do Corda – MA. A pesquisa envolveu, em primeiro momento, um total de 70 alunos do 1º ano do ensino médio, do turno matutino na referida instituição. Vale ressaltar que entre os participantes, 64 responderam o questionário no primeiro dia e 68 responderam no último de aplicação da pesquisa.

A primeira etapa do trabalho se deu por uma pesquisa bibliográfica por meio da qual foram levantadas diversas fontes como livros, revistas e materiais disponibilizados pela internet para conhecer o que já havia sido pesquisado nesse mesmo recorte, detectar as lacunas acerca do conhecimento e alicerçar a metodologia da pesquisa.

No que se refere a classificação, trata-se de uma pesquisa aplicada pois o intuito maior é focar em um problema social que é atravessado pela linguagem. Fleury e Werlang (2016) explicam que a pesquisa aplicada é justamente aquela que olha para as questões sociais seja no âmbito institucional ou até dos próprios atores

sociais; além disso, os autores ressaltam que este tipo de pesquisa permite identificar problemas e buscar soluções.

A pesquisa também possui caráter exploratório, pois nos permite recolher informações por meio de várias fontes como referencial bibliográfico, entrevistas por meio de questionários e observações. Contribuindo a busca pelos resultados significantes.

No que diz respeito ao método, podemos classificar este estudo como uma Pesquisa Mista, pois combina elementos quantitativos e qualitativos. A pesquisa quantitativa se refere ao uso de dados numéricos que permite medir e analisar os resultados encontrados:

As pesquisas orientadas sob esse paradigma utilizam a experimentação, que é uma criação artificial cuja operacionalização faz uso de uma lógica hipotético-dedutiva. [...]. Os resultados são expressos em número, intensidade e ordenação; a realidade é exterior ao sujeito, com interdependência entre o sujeito e o objeto; as ações são lineares, ou seja, o processo é unilateral entre pesquisa e pesquisador. Buscam-se o consenso, conhecimentos operacionais, índices quantitativos (Baptista, 1999, p. 32).

Assim, a parte quantitativa é importante neste estudo pois ela se aprofunda na investigação por meio de fatos mensuráveis e com um método objetivo e estruturado, com o intuito de obter mais informações sobre determinados grupos.

Já a parte qualitativa, se refere a obtenção de dados não numéricos, ou seja, uma análise subjetiva, que ocorre através das observações durante a aplicação. Ela preenche, portanto, outro campo de visão importante sobre o fenômeno:

A realidade é uma construção social da qual o investigador participa. Os fenômenos são compreendidos dentro de uma perspectiva histórico e holística – componentes de uma dada situação estão inter-relacionados e influenciados reciprocamente, e se procura compreender essas inter-relações em um determinado contexto. O pesquisador e o pesquisado estão em interação em um processo multidirecionado no qual há ampla interação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Os valores estão presentes do processo de investigação (Baptista, 1999, p. 35).

Por isso, a parte qualitativa também se fez necessária, já que esta pesquisa investigou o contexto específico na cidade de Barra do Corda (MA) e gerou dados únicos que foram, então, analisados e interpretados. O trabalho foi realizado explorando interpretações e concepções dos participantes e isto possibilitou um conhecimento aprofundado da questão investigada.

Por fim, a respeito dos objetivos, este estudo se caracteriza como uma Pesquisa de Campo. Esta consiste em um modelo de pesquisa utilizado para compreender e estudar os acontecimentos do mundo real, pois permite relacionar prática e teoria. Ela também desempenha um papel importante na produção acadêmica e no melhoramento das bases teóricas. Neste sentido, ela foi escolhida por nos permitir gerar dados em situação real, a fim de testar o objeto examinado, que foi a análise de termos racista presentes no ambiente escolar.

3.2 Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo coleta dados e informações diretamente com os participantes ou do local onde deseja estudar. Esta metodologia permite que estudiosos possam averiguar e compreender fenômenos do dia a dia, propiciando uma visão mais ampla. Gonçalves (2001, p. 67) ratifica que se trata de uma pesquisa que busca gerar informações diretamente com a população pesquisa, onde o “pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas”.

Este contato mais direto com os participantes é de grande valia, pois permite coletar dados mais específicos e ainda fazer uma investigação mais segura. No que concerne ao estudo de campo, Gil (2002, p. 53) ainda comenta que “estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre seus componentes”. Por isso, o estudo pode demandar técnicas diversas de observação.

Assim sendo, esta pesquisa de campo está ligada a um projeto de prática pedagógica, aplicado junto aos estudantes do 1º ano “A” e “B” do turno matutino da escola C. E. Professor João Pedro Freitas da Silva. A escolha destes, deu-se através de uma pesquisa prévia que mostrou que alunos no ensino médio são vítimas diariamente de racismo, entretanto, partiu-se do pressuposto de que os autores dessa violência nem sempre reconhecem seus atos como sendo violência.

Como técnicas, foram realizadas entrevistas por meio de questionários semiestruturados aplicados em duas etapas: no primeiro momento como um diagnóstico e o segundo momento, após a conclusão das atividades pedagógicas, como avaliação e verificação de aprendizagem. Vale ressaltar que também foi utilizado diário de bordo para colher informações durante a proposta.

A etapa de observação permitiu captar as informações e comportamentos dos indivíduos, antes, durante e após a aplicação do projeto pedagógico. Denominada de Observação Participante, trata-se de uma técnica que consiste na análise *in loco* das ações do grupo investigado. Para isso, os pesquisadores se fazem presentes no campo, colhendo as informações importantes, mas sem interferir no resultado. Visto que isso garante maior possibilidade de aprofundamento analítico pois:

Na observação participante, o observador coleta os dados por meio de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda, trazendo inúmeras vantagens, como identificar comportamentos não intencionais e permitir o registro dos fatos em um contexto temporal-espacial (Melo *et al.*, 2016, p. 304).

Já a coleta das informações que são fruto da observação de campo faz necessário uso de um instrumento específico, que é usado para documentar o processo de pesquisa, o diário de campo. Ele possibilitou o registro de todas as situações observadas em campo e das dificuldades e imprevistos durante o processo de implementação.

Entrevista é um tipo de instrumento que é utilizado “quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados” (Duarte, 2004, p. 215). Sendo assim, esta permite ao pesquisador fazer uma análise mais profunda na coleta de dados. No caso desta pesquisa, cujo número de participantes foi de 70 estudantes, optamos pela entrevista semiestruturada.

Para a entrevista utilizamos um questionário que consiste em um conjunto de perguntas definidas de modo a abordar todos os pontos importantes presentes nesta temática. Fizemos com perguntas abertas e fechadas, elaboradas de acordo os objetivos que se pretendia alcançar. Nas perguntas abertas, os participantes podem escrever suas respostas sem restringir o pensamento. Já nas perguntas fechadas, é oferecido aos participantes uma questão de múltiplas escolhas.

Foram aplicados questionários em dois momentos: no primeiro dia de aplicação que aconteceu em dezessete de setembro de dois mil e vinte dois, contava com 11 questões; e no último dia, que ocorreu em vinte quatro de setembro do corrente ano, o questionário contou com sete questões.

A apresentação das expressões racistas teve como foco os principais léxicos presentes no contexto brasileiro que, por sua vez constituem mensagens e discursos violentos. Além disso, durante as atividades promovidas pelo projeto pedagógico também foram deixadas lacunas para que os entrevistados tivessem espaço coerente para se expressar e acrescentar outros termos.

3.3 Proposta pedagógica

Como etapa da pesquisa de campo foi elaborada uma proposta pedagógica intitulada “O poder das palavras: desconstruindo falas violentas” (Apêndice A), cujo o intuito era: executar uma sequência didática que abordava a violência simbólica, mais especificamente o racismo, trabalhando o reconhecimento de termos usados no dia a dia; proporcionar a reflexão crítica dos alunos sobre o uso de vocábulos que podem assumir sentidos violentos; analisar e comparar a percepção dos estudantes antes e depois da aplicação da sequência didática.

3.4 Relato da aplicação

O projeto pedagógico foi aplicado na escola Centro de Ensino Professor João Pedro Freitas da Silva, no dia dezessete de outubro de dois mil e vinte e três. Por estar passando por uma reforma, os alunos foram direcionados para o prédio do antigo Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA). O objetivo principal do projeto era promover uma experiência pedagógica, por meio da aula de Língua Portuguesa, que explorasse o significado e sentido das palavras com vistas ao combate da violência simbólica e foi realizado com os alunos da primeira série “A” e “B” do turno matutino.

Antes de iniciar o projeto, reunimos as duas turmas supracitadas em uma sala de aula, totalizando 64 alunos e informamos que durante a aplicação do projeto eles ficariam juntos. Em seguida, nos apresentamos (Francisco Melo, Vânia Magalhães e Vitória Catharina de Carvalho) como acadêmicos do Curso de Letras da UEMA. Compartilhamos um slide contendo as principais informações sobre o projeto que seria desenvolvido junto com eles naquele momento, bem como, nos dias posteriores de aplicação. Os alunos já estavam familiarizados conosco pois fomos estagiários na mesma instituição.

Explicações dadas e esclarecidas algumas dúvidas sobre a pesquisa, aplicamos um questionário com o objetivo de diagnosticar o conhecimento dos alunos acerca de termos racistas bem como o conceito de racismo e de violência simbólica.

Já na aplicação do questionário, alguns alunos nos indagaram sobre o que era “violência simbólica”, porém, explicamos que eram para eles tentarem conceituar de acordo com seus conhecimentos sobre o assunto ou identificarem por escrito que não sabiam conceituar. Nesse momento, alguns responderam em voz alta, contudo, sugerimos que apenas escrevessem no questionário para que conseguíssemos manter veracidade na pesquisa. Após o recolhimento dos questionários respondidos, reafirmamos o que apresentaríamos no dia seguinte e nos despedimos das turmas realocando a turma “B” para sua sala oficial.

No segundo dia de aplicação, houve uma breve apresentação teórica com auxílio de slides cuja temática foi “Racismo no vocabulário”. Foram projetados alguns conceitos sobre o que era o racismo e seu contexto histórico, no intuito de trazer conhecimento sobre o tema. Exploramos o gênero textual reportagem e apresentamos exemplos que relatavam a violência simbólica, mais especificamente, o racismo.

Após a reprodução de cada trecho de reportagem, abríamos espaço para comentários e a turma participou em peso. A seguir, falamos sobre a violência simbólica e o racismo nos vocábulos. O objetivo dessa apresentação era proporcionar uma reflexão crítica do aluno sobre o uso de vocábulos que podem assumir sentidos violentos.

Por fim, aplicamos uma atividade baseada em reescrita: os alunos reescreveram determinadas frases, retirando termos racistas e substituindo-os por outros léxicos que se distanciassem dos sentidos violentos. Essa atividade foi feita em grupos para que os alunos pudessem dialogar sobre os tópicos abordados.

Após a conclusão da atividade, pedimos que eles pesquisassem, de forma individual, expressões usadas para gerar sentidos racistas nas redes sociais como atividade complementar que seria pontuada e contabilizada no último dia. Os que mais se destacassem e obtivessem maior pontuação, seriam premiados no último dia de aplicação.

No terceiro dia, fizemos uma apresentação teórica com a temática: “Violência simbólica nas redes”. Nela, exploramos o gênero textual “comentário de redes sociais”. Os exemplares demonstrados nessa terceira aula foram de casos de

violência nas redes: *Instagram, TikTok, WhatsApp, Facebook e Twitter*, bem como do cancelamento em torno de algumas celebridades.

No segundo momento da aula foram apresentadas e discutidas as pesquisas feitas em casa, pelos estudantes, sobre outros termos racistas. Finalizamos o encontro com uma roda de conversa abordando a temática e as consequências do racismo nos dias de hoje.

No quarto dia, apresentamos a música “Nega do cabelo duro”, de Luiz Caldas, parte do conto “A escrava”, da Maria Firmina dos Reis e explicamos o que era a linguagem metafórica. Após colocar o áudio para os estudantes, foi entregue a letra impressa da música, bem como, um trecho do conto. Os alunos fizeram a leitura de ambos os textos, destacando termos e seus significados sociais. Abordamos o gênero letra de música e o gênero literário conto, além de fazer comparações entre as composições usando a linguagem metafórica.

No último dia do projeto, aplicamos novamente um questionário, em seguida, dividimos as turmas em duas equipes e distribuimos cartões coloridos de tamanhos variados para que escrevessem frases e expressões positivas que representem o negro. Nesse momento, alguns fizeram desenhos para enfeitarem os painéis que ficaram em exposição na sala.

Fizemos ainda a premiação dos dez ganhadores das atividades desenvolvidas ao longo do projeto. Cada aluno foi reconhecido pelo seu esforço e participação ativa durante o projeto. Foi um momento de comemoração, ressaltando a dedicação de cada um.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta terceira seção, apresentaremos os dados coletados com a aplicação do projeto pedagógico, analisando essas informações à luz do nosso referencial teórico. Ao longo das discussões, estruturamos uma comparação entre a condição de diagnóstico e o resultado final das atividades junto a aprendizagem dos alunos.

4.1 A presença de termos racistas no cotidiano escolar

A escola definida para a pesquisa localiza-se em uma área periférica da cidade. Durante a aplicação, ela entrou em reforma e as atividades foram realocadas em um novo prédio, cedido pela rede municipal. Vale frisar que o novo local apresenta uma ótima estrutura, mas não tão ampla como a sede. Por se tratar de um local com poucas salas, os equipamentos de biblioteca, de informática e de química/matemática não puderam ser transpostos para o novo espaço; além disso, em relação ao prédio de origem, o novo tem ar-condicionado em todas as salas.

Observou-se a utilização de termos violentos por parte dos alunos no âmbito escolar. Eles, por sua vez, não entendiam o real significado destes vocábulos. Muitas vezes usam os termos em tom de brincadeira. Por outro lado, a vítima também não compreende, na maioria das vezes, o que está sofrendo.

Nesse sentido, cabe ressaltar que os negros são reconhecidos socialmente como um grupo minoritário, uma vez que carregam as marcas históricas da violência deferida pelo branco e; uma das consequências desse processo está marcada nos léxicos reproduzidos hoje, inclusive, por esses adolescentes e jovens, uma vez que:

[..] os negros são os mais afetados quando o assunto é racismo seja nas escolas, ruas ou no ambiente familiar. Um dos mecanismos para a percepção do racismo são os apelidos atribuídos a pessoas negras. Com conteúdo bastante pejorativos e ofensivos, percebemos que não apenas os apelidos se repetem, mas também se diversificam e multiplicam ao longo do tempo (Alves, 2012, p. 15).

Conforme ressaltado pela autora, os negros são o público mais afetado em todas as esferas da sociedade quando nos referimos ao racismo, e que também, estes foram ofendidos por diversos termos violentos e que com o passar dos anos, esses vocábulos foram replicados e modificados.

Alves (2012, p. 14) comenta que “é na escola onde aprendemos o respeito mútuo, por ser um espaço cheio de diferenças e culturas raciais”. Sendo assim, desde já partimos da ideia de que é relevante o professor trabalhar a inserção desta temática em suas aulas a fim de formar um cidadão que respeite o direito do próximo.

4.2 Compreensão do alunado acerca das expressões racistas e violência simbólica

O questionário foi respondido primeiramente por 64 alunos, onde 32 se identificaram como sendo do sexo feminino e 32 do masculino. Na segunda aplicação, do último dia, o questionário foi respondido por 68 alunos, dos quais 33 informaram ser do sexo feminino e 35 do masculino. A faixa etária dos participantes ficou entre 15 e 21 anos. Em relação a identidade étnica, na primeira aplicação foram autodeclarados: 11 brancos, 1 indígena, 40 pardos e 12 negros. Já no último dia, foi registrado da seguinte maneira: 11 brancos, 3 indígenas, 40 pardos e 14 negros. Este é, portanto, o perfil dos participantes desta pesquisa tendo a sua concentração com o percentual médio de 74,2% de negros e pardos.

No início da intervenção, aplicamos o questionário no qual o primeiro item citava algumas expressões que foram retiradas da cartilha publicada pelo Tribunal Superior Eleitoral (2022), que tem como título “Expressões Racistas: por que evitá-las”. Com base nessa fonte, foram selecionadas 15 expressões de cunho racista para apresentar aos alunos da escola e sondar o nível de conhecimento deles.

Tabela 1: Conhecimento dos participantes sobre expressões racistas consideradas comuns.

| Alternativas | Dia 1 | Dia 5 |
|-------------------------|-------|-------|
| a) Cabelo ruim. | 64 | 68 |
| b) Lista negra. | 23 | 43 |
| c) Denegrir. | 2 | 68 |
| d) Cor de pele. | 45 | 68 |
| e) Ovelha negra. | 37 | 28 |
| f) Inveja branca. | 8 | 42 |
| g) Crioulo (a). | 17 | 48 |
| h) A coisa tá preta. | 33 | 32 |
| i) Serviço de preto. | 28 | 68 |
| j) Humor negro. | 29 | 68 |
| k) Chuta que é macumba. | 19 | 46 |
| l) Macumbeiro (a). | 45 | 21 |
| m) Escravo (a). | 48 | 68 |
| n) Boçal. | 26 | 39 |

| | | |
|--------------------------|----|----|
| o) Preto de alma branca. | 20 | 68 |
|--------------------------|----|----|

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Observamos que os vocábulos: **denegrir, inveja branca, crioulo (a) e chuta que é macumba**, foram as expressões menos conhecidas pelos alunos. Podemos pressupor que, nesse primeiro momento, esses termos menos selecionados estão fora do seu contexto imediato, como o convívio com os demais colegas de sala. Por outro lado, os números mostram que 100% reconhecem a expressão “cabelo ruim”, que segundo o *E-book* publicado pelo Tribunal Superior Eleitoral (2022, p. 23) o uso desse vocábulo “[...] consiste em desprezar as características físicas das pessoas negras, associando-as a coisas ruins ou de qualidade inferior”. O fato desse termo ter sido reconhecido por 100% dos entrevistados, nos mostra o quanto a comunidade preta sofre por conta da sua cor e/ou suas características físicas.

Ainda de acordo com a Tabela 1, houve um acréscimo significativo no reconhecimento de expressões na segunda aplicação em comparação com a primeira. Expressões como: **cabelo ruim, denegrir, cor de pele, serviço de preto, humor negro, escravo (a) e preto de alma branca**, foram os termos que tiveram um total de 100% em comparação com os números de entrevistados. Estes dados nos mostram o quanto é importante trabalhar esse assunto em sala de aula, já que a segunda aplicação foi a entrevista pós-projeto, e comprova que é possível usar a linguística para prevenir e combater questões diversas, especialmente, o nosso tema foco: o racismo.

Tabela 2: Sobre terem ouvido, falado ou se referido a alguém com termos racistas.

| Dentre as expressões abaixo, quais... | | | |
|---------------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|---|
| Alternativas | you já ouviu no ambiente escolar | you já falou no ambiente escolar | Já se referiram a you no ambiente escolar |
| a) Cabelo ruim. | 59 | 30 | 33 |
| b) Lista negra. | 9 | 12 | 4 |
| c) Denegrir. | 1 | 5 | 1 |
| d) Cor de pele. | 36 | 22 | 21 |
| e) Ovelha negra. | 14 | 11 | 7 |
| f) Inveja branca. | 9 | 4 | 6 |
| g) Crioulo (a). | 11 | 6 | 12 |
| h) A coisa tá preta. | 15 | 11 | 4 |
| i) Serviço de preto. | 15 | 9 | 7 |
| j) Humor negro. | 14 | 12 | 12 |
| k) Chuta que é macumba. | 8 | 12 | 5 |
| l) Macumbeiro (a). | 33 | 28 | 12 |
| m) Escravo (a). | 33 | 16 | 15 |
| n) Boçal. | 25 | 14 | 12 |

| | | | |
|--------------------------|---|---|----|
| o) Preto de alma branca. | 8 | 7 | 12 |
|--------------------------|---|---|----|

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Outro ponto questionado foi se estes alunos já ouviram alguns dos vocábulos citados no ambiente escolar. Na primeira coluna (Tabela 2), em que foi perguntado aos participantes se já ouviram expressões racistas no ambiente escolar, os termos que apresentaram maior índice foram: **cabelo ruim, cor de pele, macumbeiro (a), escravo (a) e boçal**. Isso evidencia, para esta pesquisa, que em algum momento estes termos são proferidos no ambiente escolar e que, estes alunos já vivenciaram a violência simbólica, seja como autores, seja como vítimas.

Nesse sentido, Alves (2012, p. 12, grifos nossos), comenta que “é comum na sala de aula surgirem brigas entre colegas e muitas vezes são proferidas certas expressões pejorativas como: **negrinho, cabelo de Bombril, chocolate**”. Nesse caso, o educador tem que ensinar aos estudantes o quão grave é o uso destes termos e o porquê de não os utilizar em seu cotidiano. A intervenção do professor é um diferencial para a formação ética dos estudantes, afinal, trata-se de uma educação que deve ser cidadã. Veja que o papel do professor de língua portuguesa ganha aqui uma proporção ainda mais significativa já que esses conhecimentos estão dentro da abordagem semântica, podendo ser exploradas as relações metafóricas, sinonímias, metonímias, entre outras.

Conforme Gomes (2022) a escola servirá como alicerce para formação cidadã do aluno, para que ele consiga discernir o que é liberdade de expressão e discurso de ódio. Esse entendimento é fundamental para que o indivíduo exerça sua autonomia sem interferir no direito do outro.

A segunda coluna (Tabela 2) mostra o resultado sobre o questionamento relacionado às expressões faladas pelos alunos em sala, neste caso, os vocábulos que foram mais reproduzidos pelos discentes, são: **cabelo ruim, cor de pele, macumbeiro (a)**. Por não serem ensinados o real significado destas palavras, muitos alunos as reproduzem tal qual escutam socialmente, como forma de agredir o outro e não pensam nos malefícios causados por esse ato.

Na terceira coluna (Tabela 2), pedimos para que eles assinalassem os termos dos quais já foram nomeados por outras pessoas ou colegas no ambiente escolar, entre as expressões mais faladas, podemos citar: **cabelo ruim, cor de pele, crioulo (a), humor negro, macumbeiro (a), escravo, boçal e preto de alma branca**. Vale frisar que entre os participantes apenas 8% não responderam esta questão. Podemos

dizer que o índice de pessoas que sofreram racismo em determinado momento, em sala de aula, é alto e quando restringimos o resultado apenas aos estudantes que se consideram negros (12) esse percentual chega a 100%.

No segundo dia, foi aplicado uma atividade de reescrita, a fim de analisar a compreensão dos alunos acerca dos termos ofensivos. Na Tabela 3 estão as 10 frases com os termos destacados, cujo desafio do estudante era alterar por termos não violentos. E ao lado estão os vocábulos que foram apresentados pelos alunos em suas respectivas atividades para substituir tais termos.

Tabela 3: A reescrita de termos violentos.

| | | |
|-----|---|--|
| 1. | Aquela garota tem o cabelo ruim . | Cabelo crespo, cabelo cacheado. |
| 2. | O nome de Maria está na lista negra da Receita Federal. | Lista suja, lista proibida. |
| 3. | Ana denunciou sua amiga por denegrir sua imagem. | Difamar, caluniar. |
| 4. | Raquel é a ovelha negra da família. | Má, comportamento diferente, rebelde. |
| 5. | Mateus sente uma inveja branca do seu irmão. | Inveja saudável, inveja boa. |
| 6. | Ruth falou para seu pai que a coisa tá preta em seu serviço. | A coisa tá feia, a coisa tá complicada, a coisa tá ruim. |
| 7. | Leo Lins, namorado de Aline Mineiro em todos os seus shows faz uso do humor negro . | Humor ácido. |
| 8. | Rita encontrou Luiza no shopping, ao ser questionada sobre seu ex-namorado, Luiza respondeu chuta que é macumba! | Chuta que é coisa ruim, sai daqui. |
| 9. | Lucca falou para sua mãe que na empresa que trabalha está sendo escravo . | Escravidado, trabalhando muito. |
| 10. | Eliane brigou com sua filha por ser boçal em sala de aula. | Ignorante, grosseiro, falar palavrão. |

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Conforme apresentado, os discentes obtiveram êxito na reescrita. O uso do termo **escravizado** mostra que os estudantes conseguiram substituir de fato a palavra escravo, pois, apesar do vocábulo ser derivado da mesma palavra, ela não possui igual carga semântica. Sendo assim, é de grande importância demonstrar o impacto negativo em usar tais termos ofensivos, pois estes são utilizados para menosprezar/diminuir a pessoa preta perante a sociedade.

Tabela 4: Apelidos falados pelos alunos em sala de aula.

| | |
|-------------------|-------------------------|
| Cabelo de bucha | Negrilo |
| Cabelo de bombril | Sombra 3D |
| Cabelo duro | Suco de pneu |
| Capelão da mata | Sorvete de petróleo |
| Cachorro preto | Tiziu |
| Carvão | Picolé de asfalto |
| Fuar | Pixaim |
| Macaco | Pretão |
| Macumbeiro (a) | Zé gotinha da Petrobrás |

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Dentre os termos apresentados acima, os que foram mais reproduzidos pelos entrevistados são: **cabelo duro, cabelo de bucha/bombril, macaco e carvão**. Essas informações mostram que o **cabelo** afro é frequentemente relacionado a algo ruim sendo comparado a um material ríspido como a palha de aço, objeto usado para arear utensílios de alumínio, cuja marca mais famosa é a Bombril. Veja como a relação metafórica fica evidente quando se trata de racismo linguístico, fazendo alusões grosserias às características naturais de um humano.

É importante frisar que essas associações não são restritas a sala de aula ou ao ambiente escolar. Em todo o país já foram noticiados casos de racismo, seja nas redes sociais seja na Televisão (TV).

A exemplo disso, podemos citar o caso televisionado de fala racista de Val Marchiori a respeito do cabelo da cantora Ludmilla no programa exibido pela emissora Rede TV. Ao falar sobre o figurino da cantora, ela destaca que gosta da roupa e maquiagem, mas, do cabelo não. Nas palavras da *socialite*, “a fantasia está bonita, a maquiagem... agora, o cabelo [...] Hello! Esse cabelo dela está parecendo um bombril, gente! ”.³ Além da expressão em si, a entonação empregada por ela, no momento, também foi de desdém gerando mais polêmica nas redes sociais.

O caso ocorreu em 2016 onde Marchiori foi convidada a ser comentarista dos bastidores do carnaval no programa “TV Fama” exibido ao vivo pelo canal da Rede TV. Na ocasião, Ludmilla, cantora rica e famosa, desfilava estreando como musa da escola de Samba Salgueiro. Posteriormente ao ocorrido, a artista entrou com um processo contra a *socialite*, e apesar da injúria racial sofrida em rede nacional, não ganhou a causa. Sinalizando que nem mesmo sendo da “elite”, o negro está isento de receber comentários depreciativos.

Embora, a cantora estivesse usando uma peruca, o cabelo representava uma característica dos fenótipos afro-brasileiros. No entanto, no Brasil é comum vivenciar casos de discriminação e injúria racial, independente da condição financeira, grau de estudo ou formação da vítima. E a curvatura do cabelo crespo continua sendo um dos principais pontos de desdém assim como ocorreu no exemplo aqui narrado.

A coloração da pele adquirida por meio da melanina que, é o pigmento responsável por dar cor aos olhos, pelos, cabelos e pele, também, é usada como pretexto para apelidar os colegas em sala de aula, conforme afirmaram os estudantes.

³ RACISMO: Val Marchiori diz que cabelo da Cantora Ludmilla parece bombril. [02.2016]. Canal do YouTube Repórter. Vídeo (00:29s.)

Isso permite a existência de uma série de palavras que pode se replicar no contexto escolar, com a mesma intencionalidade, como é o caso do termo **carvão**.

Quando são chamados de carvão, estes os relacionam a um substrato que foi incendiado e que é usado para acender fogo. Assim, reduzem o ser humano a um pedaço de madeira queimado, um ser inanimado e de pouco valor, resinificando e destruindo a humanidade do indivíduo para justificar o preconceito, a violência e a discriminação de forma consciente ou não.

Desumanizar o indivíduo devido sua cor de pele é um dos processos que serviram para a perpetuação do racismo na sociedade, uma vez que, a pessoa é igualizada a um objeto, inconscientemente ele “pode” ser tratado como um. Esse pensamento por muito tempo foi visto como plausível e justificativa para o preconceito e, conseqüentemente, tem resquício até os dias de hoje apresentando-se até no ambiente escolar.

Em relação a chamar um ser humano de pele preta de **macaco** significa dizer que ele não “evoluiu”, ou seja, que está em um estágio selvagem do processo evolutivo. Segundo Vilar, “tais ideais começaram a surgir no século XVIII, mas se tornaram populares no XIX, quando surgem as “teorias raciais” e o chamado “racismo científico” ou “racialismo” (Vilar, 2015. P. 2). Assim, o racismo científico foi um momento da história em que cientistas usaram a ciência para “provar” que os negros não eram seres humanos.

Nesse contexto, em meados do século XIX, pessoas de pele preta começaram a ser expostas em zoológicos, local onde eram expostos os animais, fazendo alusão explícita de tal condição evolutiva, ou seja, eram iguais aos animais. Esse ocorrido ajudou a dar crédito à noção de inferioridade racial e ensinavam aos visitantes que o racismo era científico, terminando por induzir novos sentimentos de superioridade no branco e ocidental, justificando e desculpando o crescente imperialismo, em que consistia na prática de expansão em diversas áreas por parte de uma nação buscando dominar outras.

São fatos que o racismo científico normalizou na época: usar o corpo negro como se fosse um animal a ser domesticado e até mesmo um objeto de exposição. A teoria foi muito usada para mascarar e justificar o racismo de pessoas brancas privilegiadas que se achavam no direito de também escravizar os afrodescendentes e justificavam-se por meio da ciência argumentando que os negros eram inferiores devido ao tamanho do seu crânio:

O médico e naturalista alemão Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), lançou uma das primeiras obras importantes acerca do "racismo científico", sua tese intitulada *De generis humani varietate nativa* (A variedade nativa da raça humana), publicado em 1775. Com base na recente "ciência" da craniologia, ou seja, o estudo do tamanho e volume dos crânios humanos, Blumenbach defendia em sua tese que ao se analisar o volume do crânio de distintos seres humanos, que isso seria um fator para defender a ideia da existência de raças humanas (Vilar, 2015, p. 3).

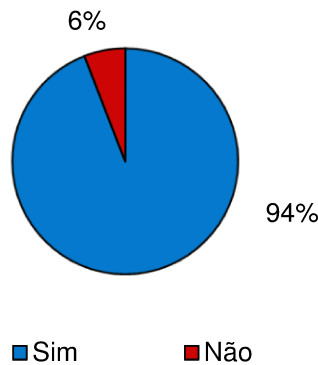
Assim o cientista deu um ponto de partida para que outros estudiosos abordassem essa perspectiva. Em 1820, o médico Dr. Robert Knox de Edimburgo (1791-1862) era o cientista mais importante da Inglaterra com teorias raciais. Em 1840 publicou o livro "The races of man: a fragmente" (As raças humanas: um fragmento). Nesse livro, dentre tantos posicionamentos, o autor se indaga em relação a civilização das raças pretas e a qual para ele não poderiam ser civilizadas. O que reforçou ainda mais esse tipo de pensamento na sociedade.

Percebe-se que os alunos reuniram termos em um tipo de campo semântico onde foram usados para ressignificar a pele preta. Eles pegaram algo natural, como as características do outro, e usaram outras palavras que não tem nenhuma relação com as características humanas trazendo isso como forma de chacota para diminuir a possível beleza do corpo negro.

Segundo Fante (2005) os apelidos podem ser considerados bullying verbal, que é quando o indivíduo faz uso de termos para insultar, ofender e até mesmo falar mal trazendo constrangimento ao outro. A Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) realizada no ano de 2019, mostrou que mais de 40% dos estudantes adolescentes já sofreram com a prática do bullying em instituições de ensino. Com isso, o Brasil é visto como um dos países com maior índice de violência escolar.

Nesse sentido, 64% dos entrevistados afirmaram já terem sido vítimas de bullying por meio de apelidos violentos que usam as características físicas para menosprezar. Por outro lado, 66% do mesmo grupo afirmaram que já praticaram essa mesma violência contra outros colegas. Isso mostra que, ao mesmo tempo que são receptores, também, são emissores. Ou seja, do mesmo modo que são vítimas, eles fazem outras vítimas ao utilizar de expressões racistas para se referirem aos seus colegas de classe. Isso implica dizer que vai se normalizando, dia a dia, o uso de termos violentos em suas relações sociais o que tem a tendência de alimentar a coluna vertebral do racismo estruturado que tanto caracteriza a sociedade brasileira.

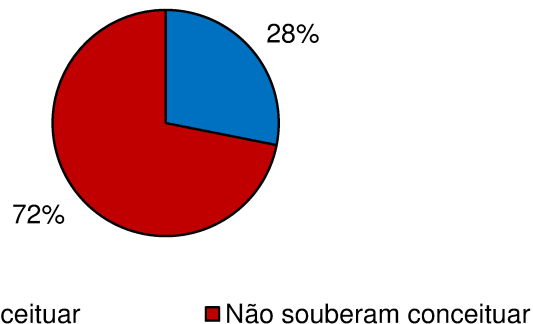
Gráfico 1: Diagnóstico da compreensão dos participantes sobre o ato de apelidar racialmente.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Este gráfico apresenta a compreensão dos estudantes em relação a não usar mais apelidos relacionados a características físicas. Aqui vemos que 94% dos participantes entenderam o quão doloroso é apelidar pessoas. Enquanto 6% responderam a afirmativa com a resposta “não”.

Gráfico 2: Diagnóstico inicial a respeito do significado do léxico “racismo”.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Ao serem questionados sobre significado do racismo, 72% dos entrevistados não conceituaram o termo, e apenas 28% souberam o significado. São mais de 2/3 dos alunos que não souberam descrever de maneira correta um conceito de racismo. Quando se tem a compreensão de um conceito de algo que socialmente é tão sério, o aluno tem a oportunidade de adotar novas práticas sociais e a consequência disso será sentida positivamente no âmbito social.

De acordo com Ortiz (2007, p. 33) “as crianças brancas logo descobrem o poder de suas palavras e de seus xingamentos, as referências negativas à cor da pele [...] e ao cheiro [...], associam a cor preta à sujeira [...] e as usam principalmente como uma arma em situações de disputa”. Sendo assim, vale ressaltar que se estes

adolescentes fossem ensinados desde a pré-escola, o índice de pessoas que praticam o racismo irá diminuir.

Gráfico 3: Visão dos participantes sobre “racismo” pós-projeto.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Enquanto, antes da intervenção, apenas 28% dos alunos souberam a definição correta da palavra racismo. No último dia, após toda a explanação do assunto em sala, aplicamos novamente um questionário e pedimos para os alunos darem a definição novamente desse termo. Agora, 93% dos alunos souberam conceituar, ou seja, houve êxito na atividade pedagógica desenvolvida. A seguir dois exemplares de respostas coletadas:

| Conceituação do aluno A |
|---|
| Racismo é a discriminação e o preconceito baseado na raça ou etnia de uma pessoa e inferiorizar por causa da cor da pele. |

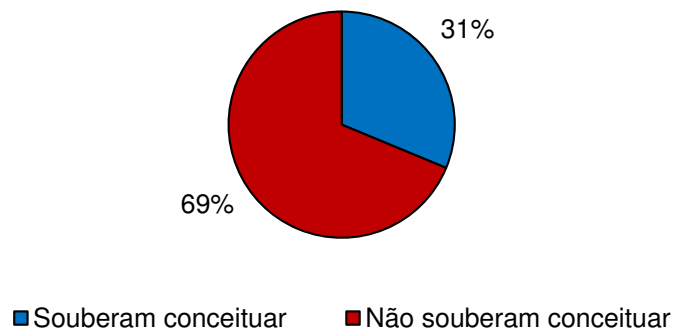
| Conceituação do aluno B |
|---|
| É a crença de que algumas “raças” são superiores as outras resultando em discriminação e preconceito. |

De acordo com as conceituações dos alunos “A” e “B”, fica nítido o entendimento dos participantes sobre a temática em discussão. As duas respostas, por exemplo, conseguem relacionar o vocábulo racismo com a discriminação e preconceito; além disso os termos “inferiorizar” e “superiores” usados, respectivamente, na construção dessas duas respostas, mostram maior propriedades desses estudantes em relação a uma visão mais técnica do conceito. Dessa maneira é possível concluir de forma clara que este tema teve um impacto positivo na aprendizagem dos discentes, destacamos também que o entendimento dos alunos sobre o assunto só afirma que:

O ambiente escolar de ensino junto com as leis e principalmente o professor pode passar para o aluno um novo pensamento, sabendo mais sobre a história da África e o que herdamos desse continente, fazendo com que possamos desenvolver outros pensamentos sobre o povo negro superando nossos próprios preconceitos (Alves, 2012, p. 12).

De acordo com a autora acima, a soma de escola, professor e informações certas formam o conjunto ideal para levar uma mudança de concepção dos estudantes acerca da própria história do negro. Este é um passo determinante para a mudança social, uma vez que as crianças, desde cedo, aprendem pelas ações dos adultos ao seu redor as diferenças sociais ligadas à ideologia racialista. Por outro lado, ao chegar na escola, essas mesmas crianças podem e devem ser confrontadas para que reflitam sobre essas questões sociais, inclusive, à luz da própria lei.

Gráfico 4: Reconhecimento sobre o significado/definição da palavra violência.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Os dados destacam que 69% dos participantes não souberam o real significado da palavra **violência**. Isso nos mostra o quanto é significativo explorar com os alunos o valor semântico de cada palavra, para que eles consigam ligar estas a suas reais definições. Evidenciamos que é no âmbito escolar onde o aluno pode apreender de maneira eficiente o real valor de determinadas palavras. Além disso, destaca-se que temos vários tipos de violência e que ela vai muito além do contato físico brutal. De forma geral, a sociedade só reconhece essa violência que leva a vítima ao hospital, mas faz-se necessário conhecer as demais formas pois possuem consequências igualmente graves. Quanto aos estudantes um total de 100% não soube explicar a respeito, seguindo, portanto, o próprio padrão social.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), no Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, divulgado em 2002, a violência é definida como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (Krug *et al.*, 2002, p. 27).

Veja que a ideia atual de violência já inclui formas mais abstratas quando ressalta o exercício de poder e isso precisa ser levado ao conhecimento do cidadão, especialmente, dos futuros cidadãos que são os estudantes.

Voltando aos dados, no primeiro de aplicação apenas 31% dos alunos souberam conceituar de forma assertiva o termo **violência**, conforme o Gráfico 4. Já no último dia, após toda a aplicação da proposta pedagógica, 88% dos entrevistados conseguiram conceituar o termo corretamente. Isso demonstra que se este tema for estudado no ambiente escolar, os alunos terão um alcance relevante para todos que estudam sobre fazendo assim com que a sociedade entenda o significado e o que o uso deste termo pode causar tanto para o autor quanto ao receptor desta agressão.

O não discernimento acerca do que é violência é um agravante que precisa ser encarado de frente pelos professores, familiares e escola, para que se formem alunos-cidadãos que consigam diferenciar estes termos que podem ser prejudiciais tanto para eles, alunos, ou para aqueles com quem eles venham a atingir quando estiverem usando da violência de maneira consciente ou inconsciente. Observe abaixo as respostas dos alunos “C” e “D” sobre o tema:

| Resposta do aluno C |
|--|
| Em violência verbal e física, ambas machucam profundamente uma pessoa. |

| Resposta do aluno D |
|--|
| Como um tipo de agressão seja ela física ou psicológica. |

Seguindo o que foi apontado acima, os participantes já conseguiram relacionar a palavra violência saindo da visão leiga que se restringe apenas às questões físicas e incorporando em sua visão o aspecto psicológico. Não é possível atuar socialmente sobre um problema que não se reconhece como problema, por isso muitos casos de agressão verbal ainda são desprezados pela sociedade e suas vítimas têm seu sofrimento reduzido e, muitas vezes, até mesmo ignorado.

Outro ponto questionado foi o conhecimento deles especificamente sobre **violência simbólica**. Entre as respostas, 80% dos alunos destacaram nunca terem

ouvido falar sobre os termos destacados, enquanto 20% apontaram já ter ouvido falar da temática, porém não sabia, a princípio, explicar a respeito. Veja abaixo as respostas dos alunos “E” e “F” após aplicação da Proposta Pedagógica (Apêndice A):

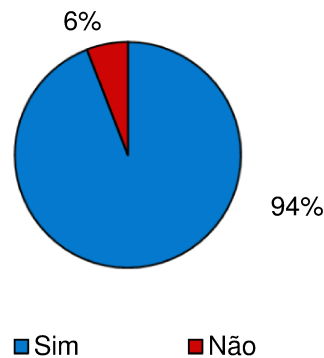
| |
|---------------------------------|
| Resposta do aluno E |
| São formas de simbolizar ofensa |

| |
|---|
| Resposta do aluno F |
| É usar as redes sociais para xingamentos. |

De acordo com Encrevé e Langrave (2005, p. 303), a violência simbólica “define-se, numa primeira abordagem, como uma violência dissimulada. Essa dissimulação lhe confere poderes particulares e uma eficácia específica, porém, no fundo ela continua sendo irredutivelmente violência”. Isso nos permite dizer que a falta de distinção acerca desta temática pode lhes dar poderes para fazerem uso desta violência de forma inconsciente. Neste caso, tanto os agressores podem sofrer com as consequências disso, como também as vítimas.

Ao serem questionados sobre já terem ouvido alguém ser chamado de **macaco**, 69% dos alunos responderam que já ouviram a reprodução deste lexema ao redor. Este índice pode ser considerado alto e vale destacar a gravidade do uso desse léxico quando utilizado para agredir uma pessoa negra. O termo é o principal, dentre aqueles usados para a prática do racismo, no contexto brasileiro. A sua gravidade está no sentido negativo que a palavra resgata, pois, o vocábulo macaco “[...] detalha o uso ofensivo da comparação de descendentes de africanos com o animal [...]” (Silva; Pereira, 2015, p. 141). Esses autores também comentam que o sistema educacional é falho, pois estes não educam os estudantes o suficiente sobre as ciências ou história do ser humano. Pois se isso fosse feito, o uso da palavra macaco como ofensa desapareceria, já que racionalmente e cientificamente, não há bases coerentes para tal associação que, em suma, trata de mais uma metáfora grotesca usada para violentar o negro.

Gráfico 5: Julgamento sobre a importância em trabalhar temas transversais como, violência simbólica e racismo em sala de aula.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

De acordo com os dados exposto acima, 94% dos participantes julgaram que é importante trabalhar estes temas transversais em sala de aula, uma vez que isso é citado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “[...] cabe [...] as escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global [...]” (Brasil, 2017, p. 19).

Ou seja, abordar temáticas que ajudem os estudantes a compreender a importância de não usar termos ofensivos para afetar pessoas é um tema que consideramos transversais e que ajudaria sim na formação crítica do estudante de forma integral dentro do meio social que este esteja inserido.

Tabela 5: Itens que os participantes consideram mais graves.

| Alternativas | Dia 1 | Dia 5 |
|---|-------|-------|
| a) Usar palavrão em sala de aula. | 37 | 59 |
| b) Apelidar o (a) professor (a). | 32 | 60 |
| c) Agredir o professor fisicamente. | 54 | 59 |
| d) Apelidar o colega. | 31 | 51 |
| e) Agredir o colega fisicamente. | 45 | 58 |
| f) Agressão durante jogos escolares. | 32 | 61 |
| g) Escrever palavrões nas paredes, carteiras, banheiro da área escolar. | 29 | 54 |

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

De acordo com o que foi apresentado, podemos constatar uma grande crescente em todas as alternativas presentes na tabela cinco. Após a explicação sobre violência e violência simbólica, constatou-se que com a implementação da Proposta Pedagógica (Apêndice A) comparando os dois momentos de entrevista, atingiu-se um resultado significativo com relação a compreensão sobre o que é grave ou não no ambiente escolar. Agressões que envolviam a verbalização, seja escrita ou falada,

passaram a ser consideradas mais graves para os estudantes em relação a visão que eles tinham no início desta pesquisa. É claro que não é objetivo deste trabalho comparar o psicológico com o físico, nem reduzir a importância de um em detrimento do outro, mas pelo contrário, é conscientizar os estudantes de que a violência também é grave por meio das palavras e que, portanto, deve ser combatida.

No último dia de aplicação foi pedido que os participantes avaliassem o nosso projeto. E de acordo com as respostas deles, 88% aprovaram a experiência. Sendo assim, esta proposta teve adesão positiva dos seus participantes. Vale lembrar, que é importante trabalhar o racismo de forma interdisciplinar, agregando conhecimentos de diferentes áreas e aguçando, assim, o senso crítico dos estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Admite-se que racismo não é um produto moderno. O preconceito, a escravidão e a discriminação acompanham a história da humanidade constituindo-se como um tipo de violência. Consequentemente, o racismo configura-se como a violência que se dá especialmente por meio da língua e se apresenta como um desafio da contemporaneidade.

Este trabalho retratou como o racismo está embutido no cotidiano escolar dos alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Professor João Pedro Freitas da Silva de Barra do Corda (MA) e oportunizou mudanças de hábitos e comportamentos dos alunos facilitando a substituição de expressões que pudessem propagar preconceito.

As análises indicam que, sim, os estudantes fazem uso de termos discriminatórios e que ao mesmo tempo em que são vítimas dele, são também sujeitos provocadores, racistas. Comprovou-se, ainda, a desinformação do que significava racismo e violência simbólica e que, por meio da pesquisa, observou-se um interesse por parte dos alunos em relação a esta temática, bem como, para a importância de não ser agente propagador de léxicos raciais com carga depreciativa ao outro, sobretudo a pessoa preta que já traz consigo um passado de ressignificação reversa devido seus fenótipos.

Portanto, conclui-se que as metodologias aplicadas com o intuito de promover uma análise crítica sobre os vocábulos utilizados diariamente incentivaram os alunos a pesquisarem mais e, conseqüentemente, a conscientizar-se mais sobre a temática abordada. Dessarte, acredita-se que esta pesquisa possa colaborar para que, futuramente, a comunidade de Barra do Corda -MA seja composta por cidadãos mais conscientes, uma vez que tenham acesso aos resultados aqui compilados.

Vale ressaltar que este estudo não apenas evidencia a gravidade do racismo expresso por meio da escolha dos vocábulos, mas também destaca a necessidade de trabalhar mais esse assunto no ambiente escolar, mais precisamente no componente de língua portuguesa. Com esse intuito, é válido abordar que na experiência desta pesquisa aplicou-se questões de reescrita e substituição de léxicos depreciativos por vocábulos ou expressões que melhor se adequasse a situação, sem discriminar o outro. Aspira-se que esta pesquisa possa ser útil como base para próximas implementações de novas práticas pedagógicas abordando o racismo na educação básica, o que trará benefícios enriquecedores para a comunidade em geral.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. **Trabalhando a diferença na Educação Infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.

ADORNO, S. **Racismo, Criminalidade Violenta e Justiça Penal: Réus Brancos e Negros em Perspectiva Comparativa**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 18, 1996, p. 1-22.

ALVES, C. C. de S. **Racismo na escola e o combate com ações pedagógicas**. Guarabira: UEPB, 2012.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 10^a ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BAPTISTA, D. M. T. O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.

BRANDT, J. **Violência Simbólica: uma reflexão acerca do habitus docente**. 2011. 39f. (graduação) – Curso de Pedagogia, Centro Universitário Univates, Lajeado – RS, 2010. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/9837bf76-ea9d-4994-b454-f0be33bc27e1/content>. Acesso em 27 set. 2023.

BOURDIEU, P. **Meditations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997.

_____, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em 15 set. 2023.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade**. Brasília: MEC, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>. Acesso em 07 set. 2023.

_____. Tribunal Superior Eleitoral. **Expressões racistas: como evitá-las**. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2022. 55 p.

CAMINO, L. *et al.* A Face Oculta do Racismo no Brasil: Uma Análise Psicossociológica. **Revista Psicologia Política**, João Pessoa, v.1, 2001, p. 13-36.

CANAL CECULT – IFCH Unicamp. **Gente em exibição - Zoológicos Humanos**. YouTube. Publicado em 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HXD-DSfG7g8>. Acesso em 29 de nov. 2023.

CANÇADO, M. Semântica Lexical: uma entrevista com Márcia Cançado. **Revista Virtual de estudos da linguagem - ReVEL**, v. 11, n. 20, 2013 Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 25 nov. 2023.

CASTIM, F. **Princípios básicos de semântica**. - Recife: FASA - Fundação Antonio dos Santos Abranches, 1983.

CICONELLO, A. O desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial. In: **Oxfam international (Org.)**. From Poverty to Power: how Active Citizens and Effective States can Change the World. Londres: Oxfam International, 2008.

DIAS, M. **Ruptura com os racismos linguístico e epistêmico na escola**. Revista Língua Nostra. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357228191_Ruptura_com_os_racismos_linguistico_e_epistemico_na_escola. Acesso em 07 ago. 2023.

DOMINGUES, J. E. Racismo: uma história (documentário em 3 episódios da BBC). **Blog: Ensinar história**. Publicado em 1 de setembro de 2015. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/racismo-uma-historia-documentario/>. Acesso em 17 de out. 2023.

ENCREVÉ, P.; LANGRAVE, R. M. **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FALEIROS, E. S.; FALEIROS, V. P. **Escola que Protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

FANTE, C. Fenômeno **Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª ed. Editora Verus, Campinas-SP, 2005.

FERRAZ, A. P. Do observatório de neologia para a sala de Aula: contribuição para o ensino do léxico. In: CARDOSO, E. de A.; GIL, B. D.; ARAÚJO, M. de. (Org.). **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas**. Volume VIII. São Paulo: FFLCH/SP, 2020. p. 165-179. Disponível em: www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/499 . Acesso em 24 novembro. 2023.

FLEURY, M. T. L; WERLANG, S. R. C. Pesquisa aplicada: conceitos e abordagens. In: **Anuário de pesquisa 2016-2017**. São Paulo: Única Gráfica e Editora Ltda. 2016. P. 108.

FREIRE, P. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. **Carta-prefácio de Balduino A. Andreola**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, L. F. **Racismo “científico” (origens das teses racistas na modernidade)**. Jusbrasil. Publicado em 2015. Disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/racismo-cientifico-origens-das-teses-racistas-na-modernidade/254945905>. Acesso em 29 de nov. 2023.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, R. L. R. ESCOLA, CIDADANIA E FORMAÇÃO CIDADÃ. **DoCentes**, v. 07, n. 19, p. 57-64, 2022. Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/604/210>. Acesso em: 23 nov. 2023.

GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GUIMARÃES, A. S. A. Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos. **Revista brasileira de ciências sociais** - vol. 14, número 39, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269091999000100006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 07 de set. 2023.

ILARI, R. Introdução In: DASCAL, Marcelo (org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística - Volume III: Semântica**. - Campinas, IEL/UNICAMP, 1982.

INSTITUTO DE REFERÊNCIA NEGRA PEREGUM; SISTEMA DE EDUCAÇÃO POR UMA TRANSFORMAÇÃO ANTIRRACISTA. Percepções sobre o racismo no Brasil. São Paulo, 2023.

KRUG, E. G. *et al.* eds. Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

MEDEIROS, C. C. C. **A teoria sociológica de Pierre Bourdieu na produção discente dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2007.

NASCIMENTO, G. **Racismo Linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 124 p.

_____, G. Racismo linguístico é sobre palavras? Um prefácio. **Lingu@Nostr@**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 3 - 15, 2021. DOI: 10.29327/232521.8.1-2. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/Inostr@/article/view/13102>. Acesso em 8 set. 2023.

OLIVEIRA, I. M. A. **A questão racial na escola**. Universidade Estadual Norte do Paraná, 2011.

OLIVEIRA, S. M. R. **O léxico da agricultura na interação verbal**. 2004. 199 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

- ORTIZ, C. Só não enxerga quem não quer: racismo e preconceito na Educação Infantil. **Revista Educarede**, 13 nov. 2007. Disponível em: http://www.educared.org/educa/index.cfm?pg=revista_educarede.especiais&id_especial=284. Acesso em 07 de set. 2023.
- MELO, R. H. V. *et al.* Roda de Conversa: uma Articulação Solidária entre Ensino, Serviço e Comunidade. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 2, p. 301–309, abr. 2016.
- MUNANGA, K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PASSOS, F. J. A urgência de um processo de desconstrução do racismo institucional rumo a verdadeira democracia racial. **Educafro**, São Paulo, p.1-10, 2012.
- PINTO, D. C. de M. **Introdução à semântica**. V. único. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2016.
- PINTO, M. C. C.; FERREIRA, R. F. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesqui. prát. psicossociais**, São João del-Rei , v. 9, n. 2, p. 257-266, dez. 2014 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 07 set. 2023.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Governo Fernando Henrique. **Construindo a democracia racial**. Brasília: Presidência da República, 1998.
- RICHARDS, J. **The role of vocabulary teaching**. TESOL Quarterly, v. 10, n. 1, p. 77- 89, mar, 1976.
- SANTOS, I. A. “A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial”. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo**. Repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. pp.97-114.
- SILVA, R. S; PEREIRA, E. N. A Discriminação Racial Partir da Associação da Pessoa Humana Ao Macaco. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**. 1. 125. 2015.
- SILVA, G. **Racismo: e eu com isso?**. Belo Horizonte: Dialética, 2020. 192 p.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SOUZA, J. **Como o racismo criou o Brasil**. São Paulo: Estação Brasil, 2021. 304 p.
- THIOLLENT, M. **Metodologia de Pesquisa-ação**. São Paulo: Saraiva. 2009.
- VILAR, L. **O racismo científico: da teoria a prática**. Seguindo os Passos da História. Publicado em 2015. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/VILAR__Leandro._O_racismo_cient%C3%ADfico_da_teor%C3%A1tica%281%29.pdf?1599239837. Acesso em 29 de nov. 2023.

_____. **O racismo científico: da teoria a prática.** Blogger O Rescator. Publicado em 2012. Disponível em: <https://orescator.blogspot.com/2012/12/eugenia-o-racismo-cientifico.html>. Acesso em 29 de nov. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Proposta Pedagógica

1 IDENTIFICAÇÃO

Francisco das Chagas Pereira de Melo

Vânia Aquino Magalhães

Vitória Catharina Azevedo de Carvalho

DISCENTES

Prof. Ma. Jhussyenna Reis de Oliveira

ORIENTADORA

Universidade Estadual do Maranhão (Uema Campus Barra do Corda)

IES VINCULADA

C.E. Prof. João Pedro Freitas da Silva (Barra do Corda)

ESCOLA DE IMPLEMENTAÇÃO

Alunos da 1ª série A e B do turno matutino

PÚBLICO-OBJETO DO PROJETO

“O poder das palavras: desconstruindo falas violentas”

TÍTULO DO PROJETO/PROPOSTA

PESQUISA VINCULADA:

Racismo Linguístico: uma análise de termos racistas presentes no cotidiano escolar dos alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Professor João Pedro Freitas da Silva em Barra do Corda (MA)

2 CONTEXTO DA PROPOSTA

O projeto " Racismo Linguístico: termos racistas presente no cotidiano escolar" será aplicado em duas turmas de 1º ano "A" e "B" da escola C.E. Prof. João Pedro Freitas da Silva localizada no município de Barra do Corda - MA. Com isso,

contribuiremos para a bagagem educacional dos estudantes selecionados, sensibilizando-os sobre os impactos da violência simbólica (Termos Racistas) por meio das suas escolhas lexicais.

As turmas selecionadas contabilizam um total de 70 alunos e a escola está localizada no bairro Altamira II, na Avenida Pedro Neiva de Santana S/N. É importante ressaltar que este projeto visa gerar dados para a elaboração de um trabalho de conclusão de curso que, por sua vez, trará uma reflexão sobre uso de termos racistas presentes no cotidiano escolar dentro da realidade do ensino público em Barra do Corda (MA).

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

- Promover uma experiência pedagógica, por meio da aula de Língua Portuguesa, que explore o significado e sentido das palavras com vistas ao combate da violência simbólica (Termos Racistas).

3.2 Objetivos Específicos

- Executar uma sequência didática que aborda a violência simbólica, mais especificamente o racismo, trabalhando o reconhecimento de termos usados no dia a dia social;
- Proporcionar a reflexão crítica do aluno sobre o uso de vocábulos que podem assumir sentidos violentos;
- Analisar e comparar a percepção dos estudantes antes e depois da aplicação da sequência didática.

4. ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

AULA 1 (Duração: 50min.) 17/10/23

Nesse primeiro encontro iniciaremos com a apresentação dos acadêmicos e do projeto que aplicaremos aos alunos. A seguir, será aplicado um questionário para

diagnosticar o conhecimento dos alunos acerca de termos racistas bem como a noção de racismo e violência simbólica.

AULA 2 (Duração: 90min.) 18/10/23

No segundo encontro, haverá apresentação teórica com a temática: “Racismo no vocabulário”. Nela iremos explorar o gênero textual reportagem. Os exemplares demonstrados relatam a violência simbólica, mais especificamente, o racismo; por fim, aplicaremos uma atividade baseada em reescrita: os alunos deverão reescrever determinadas frases e/ou trechos de textos, retirando termos racistas e substituindo-os por outros léxicos que se distanciem dos sentidos violentos.

Gancho para o próximo encontro: atividade de pesquisa para a próxima aula – buscar outras expressões usadas para gerar sentidos racistas nas redes sociais.

AULA 3 (Duração: 90min.) 19/10/23

No terceiro encontro, haverá apresentação teórica com a temática: “Violência simbólica nas redes”. Nela iremos explorar o gênero textual ‘comentário de redes sociais’. Os exemplares demonstrados nesse terceiro encontro são de casos de violência nas redes bem como do cancelamento em torno de algumas celebridades.

No segundo momento da aula serão apresentadas e discutidas as pesquisas feitas pelos próprios estudantes em casa sobre outros termos racistas. Finalizaremos o encontro com uma roda de conversa sobre as consequências do racismo nos dias de hoje.

AULA 4 (Duração: 90min.) 20/10/23

No quarto encontro, haverá apresentação da música “Nega do cabelo duro”, de Luiz Caldas, após colocar o áudio para os estudantes, esses deverão fazer a leitura da letra da música, destacando termos e seus significados sociais. Logo após, será entregue um trecho do conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, em que os estudantes irão usar esse conto e comentar como o negro foi tratado como um animal/propriedade. Será assim abordado o gênero letra e música e o gênero literário conto, além de pensar no uso da linguagem metafórica nessas composições.

AULA 5 (Duração: 140min.) 24/10/23

No último dia, será dia de culminar o projeto com a aplicação do questionário final, agradecimento aos participantes e à escola. Nesse dia, os alunos serão agrupados e receberam cartões coloridos de vários tamanhos para escrever frases e expressões positivas que representem o negro. Ao final, os cartões devem formar dois grandes painéis na sala de aula. E premiaremos os alunos que mais se dedicaram durante a aplicação da proposta.


5 CRONOGRAMA

| Fase da aplicação | Data prevista | Observações |
|--|---------------|--|
| Visita inicial e oficialização na escola | 16/10/23 | Entrega de ofício da UEMA |
| Diagnóstico da escola | 16/10/23 | <p>Atualmente estão matriculados na escola C.E. Professor João Pedro Freitas da Silva 526 alunos distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno.</p> <p>A escola é composta por uma diretora geral, Cátia Cilene Fabrício Lima, uma diretora adjunta, Celismar Milhomem Leão Queiroz, 27 professores, distribuídos nos três turnos, destes nove são efetivos e 18 contratados; há ainda um apoio pedagógico, uma articuladora do novo ensino médio, três tutoras da educação especial, uma agente administrativa, quatro auxiliares de serviços gerais. Sendo assim, temos um total de 39 funcionários em seu quadro.</p> <p>A escola conta com 12 salas de aula, com laboratórios de: matemática, química, física e geografia, laboratório de informática, auditório, sala da diretoria, sala da secretária, sala de coordenadores pedagógicos, cantina e cozinha, sala dos professores e biblioteca e uma quadra coberta.</p> <p>Os recursos didáticos disponíveis na escola são: duas caixas de sons, três microfones, duas televisões, duas impressoras, dois notebooks, três computadores, um na sala da direção, um na sala dos professores e um na coordenação.</p> <p>Por um dos acadêmicos (Francisco Melo) já ter estudado na escola e ser amigo da gestora, isso facilitou nossa ida a escola e vale ressaltar que todos foram bem recepcionados.</p> |
| Aula 1 | 17/10/23 | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do projeto e conscientização dos estudantes para que participem ativamente; - Aplicação do questionário. |

| | | |
|--------|----------|--|
| Aula 2 | 18/10/23 | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação teórica com a temática: “Racismo no vocabulário”; - Aplicação de uma atividade de reescrita, retirando termos racistas e substituindo-os por outros léxicos que se distanciem dos sentidos violentos; - Gancho para próxima aula: buscar outras expressões usadas para gerar sentidos racistas nas redes sociais. |
| Aula 3 | 19/10/23 | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação teórica com a temática: “Violência simbólica nas redes”; - No segundo momento serão apresentadas e discutidas as pesquisas feitas pelos próprios estudantes; - Roda de conversa sobre as consequências do racismo nos dias de hoje. |
| Aula 4 | 20/10/23 | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da música “Nega do cabelo duro”, de Luiz Caldas, após escutar e ler a letra, os alunos deverão destacar termos presentes na música; - Entregaremos um trecho do conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, em que os estudantes irão usar esse conto e comentar como o negro foi tratado como um animal/propriedade. |
| Aula 5 | 24/10/23 | <ul style="list-style-type: none"> - Aplicação do questionário; - Montaremos grupos para fazermos dois murais de elogios a pessoa de pele preta; - Culminância do projeto e sorteio. |

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

APÊNDICE B – Questionário aplicado no primeiro dia

|  Uema <small>CAMPUS BARRA DO CORDA</small> | | | |
|---|-----------------------------|---|---------------------------|
| LOCAL DE APLICAÇÃO: C. E. PROFESSOR JOÃO PEDRO FREITAS DA SILVA | | | |
| PERFIL DOS PARTICIPANTES | | | |
| ETNIA/COR: () AMARELO () BRANCO () INDÍGENA () PARDO () PRETO | | | |
| SEXO: () FEMININO () MASCULINO | | IDADE: | TURMA: () A () B |
| QUESTIONÁRIO | | | |
| 1. DENTRE AS EXPRESSÕES ABAIXO, QUAIS VOCÊ CONHECE? | | | |
| a) () Cabelo ruim | i) () Serviço de preto | | |
| b) () Lista negra | j) () Humor negro | | |
| c) () Denegrir | k) () Chuta que é macumba | | |
| d) () Cor de pele | l) () Macumbeira | | |
| e) () Ovelha negra | m) () Escravo | | |
| f) () Inveja branca | n) () Boçal | | |
| g) () Crioulo | o) () Preto de alma branca | | |
| h) () A coisa tá preta | | | |
| 2. DENTRE AS EXPRESSÕES ABAIXO, QUAIS VOCÊ JÁ OUVIU NO AMBIENTE ESCOLAR? | | | |
| a) () Cabelo ruim | i) () Serviço de preto | Outras expressões que você acha parecidas: _____ _____ _____ _____ | |
| b) () Lista negra | j) () Humor negro | | |
| c) () Denegrir | k) () Chuta que é macumba | | |
| d) () Cor de pele | l) () Macumbeira | | |
| e) () Ovelha negra | m) () Escravo | | |
| f) () Inveja branca | n) () Boçal | | |
| g) () Crioulo | o) () Preto de alma branca | | |
| h) () A coisa tá preta | | | |
| 3. DENTRE AS EXPRESSÕES ABAIXO, QUAIS VOCÊ JÁ FALOU NO AMBIENTE ESCOLAR? | | | |
| a) () Cabelo ruim | i) () Serviço de preto | Outras expressões que você acha parecidas: _____ _____ _____ _____ | |
| b) () Lista negra | j) () Humor negro | | |
| c) () Denegrir | k) () Chuta que é macumba | | |
| d) () Cor de pele | l) () Macumbeira | | |
| e) () Ovelha negra | m) () Escravo | | |
| f) () Inveja branca | n) () Boçal | | |
| g) () Crioulo | o) () Preto de alma branca | | |
| h) () A coisa tá preta | | | |
| 4. DENTRE AS EXPRESSÕES ABAIXO, QUAIS DESTES JÁ SE REFERIRAM A VOCÊ NO AMBIENTE ESCOLAR? | | | |
| a) () Cabelo ruim | i) () Serviço de preto | Outras expressões que você acha parecidas: _____ _____ _____ _____ | |
| b) () Lista negra | j) () Humor negro | | |
| c) () Denegrir | k) () Chuta que é macumba | | |
| d) () Cor de pele | l) () Macumbeira | | |
| e) () Ovelha negra | m) () Escravo | | |
| f) () Inveja branca | n) () Boçal | | |
| g) () Crioulo | o) () Preto de alma branca | | |
| h) () A coisa tá preta | | | |
| 5. VOCÊ JÁ TEVE ALGUM APELIDO RELACIONADO AS SUAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS? EM CASO POSITIVO, CITE OS QUE LEMBRAR. | | | |
| _____ | | | |
| _____ | | | |
| _____ | | | |

6. VOCÊ JÁ APELIDOU ALGUM COLEGA NA ESCOLA COM NOMES RELACIONADOS AS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DELE (A)? CITE OS QUE LEMBRAR.

7. O QUE SIGNIFICA RACISMO, EM SUA OPINIÃO?

8. O QUE SIGNIFICA VIOLÊNCIA, EM SUA OPINIÃO?

9. VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM VIOLÊNCIA SIMBÓLICA? EXPLIQUE O QUE É.


10. VOCÊ JÁ OUVIU ALGUÉM SER CHAMADO DE MACACO? POR QUE VOCÊ ACHA QUE ESSA PALAVRA É USADA COMO CHINGAMENTO POR ALGUMAS PESSOAS?

11. MARQUE O ITEM OU OS ITENS QUE VOCÊ CONSIDERA MAIS GRAVES:

- a) Usar palavrão em sala de aula.
- b) Apelidar o (a) professor (a).
- c) Agredir o professor fisicamente.
- d) Apelidar o colega.
- e) Agredir o colega fisicamente.
- f) Agressão durante jogos escolares.
- g) Escrever palavrões nas paredes, carteiras, banheiro da área escolar.



APÊNDICE C – Questionário aplicado no último dia

|  | | | |
|---|---------------|--------|--------------------|
| LOCAL DE APLICAÇÃO: C. E. PROFESSOR JOÃO PEDRO FREITAS DA SILVA | | | |
| PERFIL DOS PARTICIPANTES | | | |
| ETNIA/COR: () AMARELO () BRANCO () INDÍGENA () PARDO () PRETO | | | |
| SEXO: () FEMININO | () MASCULINO | IDADE: | TURMA: () A () B |
| QUESTIONÁRIO | | | |
| <p>1. QUAIS DAS EXPRESSÕES LISTADA ABAIXO VOCÊ PASSOU A CONHECER APÓS AS EXPLICAÇÕES EM SALA?</p> <p>a) () Cabelo ruim. i) () Serviço de preto. b) () Lista negra. j) () Humor negro. c) () Denegrir. k) () Chuta que é macumba. d) () Cor de pele. l) () Macumbeira. e) () Ovelha negra. m) () Escravo. f) () Inveja branca. n) () Boçal. g) () Crioulo. o) () Preto de alma branca. h) () A coisa tá preta.</p> | | | |
| <p>2. APÓS AS EXPLANAÇÕES EM SALA, VOCÊ COMPREENDEU O PORQUÊ NÃO DEVEMOS APELIDAR AS PESSOAS COM NOMES RELACIONADOS AS SUAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS?</p> <p>a) () Sim b) () Não</p> | | | |
| <p>3. HOJE, COMO VOCÊ DEFINIRIA <u>RACISMO</u>?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> | | | |
| <p>4. HOJE, COMO VOCÊ DEFINIRIA <u>VIOLÊNCIA</u>?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> | | | |
| <p>5. VOCÊ ACHA IMPORTANTE TRABALHAR <u>VIOLÊNCIA SIMBÓLICA</u> E <u>RACISMO</u> EM SALA DE AULA?</p> <p>b) () Sim b) () Não</p> | | | |
| <p>6. APÓS AS EXPLANAÇÕES EM SALA, MARQUE O ITEM OU OS ITENS QUE VOCÊ CONSIDERA <u>MAIS GRAVES</u>:</p> <p>a) () Usar palavrão em sala de aula. b) () Apelidar o (a) professor (a). c) () Agredir o professor fisicamente. d) () Apelidar o colega. e) () Agredir o colega fisicamente. f) () Agressão durante jogos escolares. g) () Escrever palavrões nas paredes, carteiras, banheiro da área escolar.</p> | | | |
| <p>7. AVALIE A SUA EXPERIÊNCIA NESTE PROJETO.</p> <p>a) () Excelente/Bom b) () Regular/Mediano c) () Ruim/Péssimo</p> | | | |

APÊNDICE C – Termo de consentimento



O PODER DAS PALAVRAS: desconstruindo falas violentas

Objetivo Central do Estudo: Promover uma experiência pedagógica, por meio da aula de Língua Portuguesa, que explore o significado e sentido das palavras com vistas ao combate da violência simbólica.

Objetivos Específicos

- Executar uma sequência didática que aborda a violência simbólica, mais especificamente o racismo, trabalhando o reconhecimento de termos usados no dia a dia social;
- Proporcionar a reflexão crítica do aluno sobre o uso de vocábulos que podem assumir sentidos violentos;
- Analisar e comparar a percepção dos estudantes antes e depois da aplicação da sequência didática.

CONSENTIMENTO INFORMADO

Nós (abaixo-assinados) declaramos ter sido devidamente informados (as) e esclarecidos (as) sobre os objetivos e procedimentos do Projeto de Pesquisa. Declaramos ainda, ter plena consciência do nosso papel enquanto participantes neste estudo, para o qual consentimos voluntariamente.

ASSINATURAS:

1. Anna Beatriz Soares Buscua
2. Josane do Nascimento Sousa Ramos
3. Thalyta Maranhão
4. Dayka de Sousa Silva
5. Jessica Kethlyn da Silva Lima
6. Mara Karany de Araújo Cabral
7. Marcos da Silva de Almeida

8. Milly Rodrigues Rocha
9. Calixto Rafael Mendes
10. Renan da Conceição Barreto
11. Francisco Gustavo Nascimento Costa
12. Pedro Henrique Simão de Araújo
13. Nikolmy Silva
14. Januel da Silva Santos
15. Wallyson Gustavo da Costa Rodrigues
16. Nedved Natyél B. de Nascimento
17. Yan Carvalho Araújo
18. Piropi Pires Neto dos Santos
19. Samuel de Jesus
20. Lucas Pires Nascimento
21. Wavi da Silva Pompeu
22. LUCAS DAS CHAGAS COELHO
23. Eloisa da Silva dos Santos
24. Leonardo Gutierrez Santana matos
25. Werson Sousa da Paz
26. Antonio Venícios Furtado Silva
27. Matheus Santos da Costa
28. Claudson Oliveira Costa da Silva
29. JACKSON PIRES DA MATA
30. Thony Cristiano da Costa
31. Rainna Oliveira da Silva
32. Dayane de Sousa Saari
33. Uma Caroline Mendes Santos
34. Samara Mello da Silva
35. Isaac da Silva Batista*
36. Isaac Albuquerque Moreira
37. Eduardo Rhian Silva Vieira
38. Ana Keillyn Araújo Mendes
39. Éberson Daniel Lopes Costa Juliano
40. Thayana Gonçalves Nepesino
41. Ruan Henrique da Costa

42. Zuleide Silva Castro Neto
43. Wesley Goldney Da Silva
44. Janna Karolly dos Santos da Costa
45. Juliana Freilly Silva do Nascimento
46. Phatyle Vitória de Silva Cabral
47. Emivalda da Silva Costa
48. Tulsiana Takikicui Camila
49. Ana Gabrielly Almeida Nunes.
50. Ana Clara Sousa Bilke
51. Maria Fernanda Almeida de Sousa
52. Katheryne Vitória Babela de Oliveira
53. Helicia Rodrigues Carvalho
54. Marcelino Ubirac de Sousa
55. Almesel Henrique Lopes Freitas
56. Bruno de Souza Lima
57. Carlos Eduardo Tricaino de Silva
58. Yonndiverson Moura de Castro Silva
59. Juliana da Silva
60. Maciel Vinicius da Silva
61. Isana Gabrielly Rodrigues Pereira
62. Maria Luiza Faria do Nascimento
63. Ana Maria do Bairro Bonfosa
64. Kauani do Nascimento de Silva
65. Rafael Ubirac Jorge
66. Lima Caroline Barros da Cruz
67. Oluyunusi Genckus de Silva
68. Danilly Evangelista de Bato
69. Samuel de Jesus
70. Tatiana da Silva Araújo

Francisco das Chagas Pereira de Melo
 Tânia Aquino Magalhães
 Natália Catharina Azevedo de Carvalho

Acadêmicos

Documento assinado digitalmente

gov.br

JHUSSYENNA REIS DE OLIVEIRA

Data: 31/10/2023 19:40:15-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Orientadora

APÊNDICE C – Registros fotográficos

Apresentação da Proposta Pedagógica – dia 17/11/2023



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Aplicação do primeiro questionário - dia 17/11/2023



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Alunos respondendo a atividade de reescrita sobre termos racistas/violentos - dia 18/11/2023



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Aluna apresentando a pesquisa sobre termos racistas nas redes sociais - dia 19/11/2023



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Roda de conversa sobre as consequências do racismo nos dias de hoje - dia 19/11/2023



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Análise da música “Nega do cabelo duro” de Luiz Caldas e leitura de um trecho do conto “A escrava” de Maria Firmina dos Reis - dia 20/11/2023



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Aplicação do último questionário - dia 24/11/2023



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Confecções de painéis de elogios - dia 24/11/2023



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Apresentação dos painéis de elogios - dia 24/11/2023



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Premiados pela participação e bom desempenho no projeto - dia 24/11/2023



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.



Uema

CAMPUS
BARRA DO CORDA

**REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO**
<http://repositorio.uema.br/>

1 DADOS DOS AUTORES

Nome: Francisco das Chagas Pereira de Melo

Curso/departamento: Letras Licenciatura Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

CPF: 619.579.023-02 **E-mail:** franciscochpm@gmail.com **Telefone:** (99) 98547-6025

Nome: Vânha Aquino Magalhães

Curso/departamento: Letras Licenciatura Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

CPF: 060.999.943-51 **E-mail:** vanhasmith@gmail.com **Telefone:** (99) 98257-8862

Nome: Vitória Catharina Azevedo de Carvalho

Curso/departamento: Letras Licenciatura Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

CPF: 046.811.353-30 **E-mail:** vitoriacathh@gmail.com **Telefone:** (99) 98114-3388

2 IDENTIFICAÇÃO DO DOCUMENTO

Tipo de documento:

() Monografia de graduação () Monografia de especialização () Dissertação () Tese
() Livros () Artigo de periódico () Outro, informar qual: Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Título do documento: RACISMO LINGUÍSTICO: uma análise de termos racistas presentes no cotidiano escolar dos alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Professor João Pedro Freitas da Silva em Barra do Corda (MA)

Local: Barra do Corda - MA **Ano:** 2023 **Orientador:** Jhussyenna Reis de Oliveira

3 ESPECIFICAÇÕES PARA LIBERAÇÃO ON LINE

a) Liberação imediata ()

- b) Liberação a partir de 1 ano (X)
- c) Liberação a partir de 2 ano ()
- d) No aguardo do registro de patente ()

4 PERMISSÃO DE ACESSO

Na qualidade de titular dos direitos autorais do trabalho acima citado, **autorizamos** a Biblioteca Digital da Universidade Estadual do Maranhão a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o referido documento de minha autoria, em formato PDF, para leitura, impressão e/ou download, conforme permissão assinalada.

Barra do Corda - MA, 4, de janeiro de, 2023

Francisco das Chagas Pereira de Melo
Assinatura do (a) autor (a)

Zilma Aquino Magalhães
Assinatura do (a) autor (a)

Vitória Catharina Azevedo de Carvalho
Assinatura do (a) autor (a)